



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Centro de Ciências da Saúde- CCS
Vice-Reitoria de Pós-Graduação – VRPG
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGP
Mestrado em Psicologia

LISA NAIRA RODRIGUES DE SOUSA

O Significado do Acolhimento para Adolescentes
Institucionalizados: Um estudo à luz da Psicologia Ambiental

The Meaning of shelter for Institutionalised Adolescents: A Study
in the Light of Environmental Psychology

FORTALEZA

2017

LISA NAIRA RODRIGUES DE SOUSA

**O Significado do Acolhimento para Adolescentes
Institucionalizados: Um estudo à luz da Psicologia Ambiental**

**The Meaning of shelter for Institutionalised Adolescents: A Study
in the Light of Environmental Psychology**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia, Sociedade e Cultura.

Linha de Pesquisa: Ambiente, Trabalho e Cultura nas Organizações.

Orientadora: Profa. Dra. Sylvia Cavalcante,
Universidade de Fortaleza –
UNIFOR.

FORTALEZA

2017

Ficha catalográfica da obra elaborada pelo autor através do programa de geração automática da Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza

Sousa, Lisa Naira Rodrigues.

O Significado do Acolhimento para Adolescentes
Institucionalizados: Um estudo à luz da Psicologia Ambiental /
Lisa Naira Rodrigues Sousa. - 2017
117 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade de
Fortaleza. Programa de Mestrado em Psicologia, Fortaleza,
2017.


Orientação: Sylvia Cavalcante.

1. Acolhimento institucional. 2. Adolescentes. 3.
Psicologia ambiental. I. Cavalcante, Sylvia . II. Título.



Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Ambiente Trabalho e Cultura nas Organizações

Dissertação intitulada "*O significado do acolhimento para adolescentes institucionalizados: um estudo à luz da psicologia ambiental*", de autoria da mestranda **Lisa Naira Rodrigues de Sousa**, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Profa. Dra. Sylvia Cavalcante – (UNIFOR) – Orientadora



Profa. Dra. Normanda Araujo de Moraes – (UNIFOR)



Profa. Dra. Lúcia Maria Gonçalves Siebra – (UFC)



Profa. Dra. Karla Patricia Martins Ferreira – (UNIFOR)

Fortaleza, 06 de fevereiro de 2017.

Visto:



Profa. Dra. Normanda Araujo de Moraes
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
UNIFOR

AGRADECIMENTOS

Um pedido de muito obrigado é pouco diante das coisas que muitas pessoas fizeram por mim durante esses dois anos e meio. Talvez a palavra que caberia nesse momento seria GRATIDÃO!

Sou grata primeiramente a Deus, por ter me mostrado o melhor caminho em minhas orações, por nunca ter deixado eu desistir, pois sempre acreditei que diante de minha fé, Deus estaria segurando minha mão!

Sou grata aos meus pais, Sônia e Fábio, minha base de fé, exemplo de parceria, de união, de confiança, de força e principalmente de AMOR! Sim, o amor que tenho por vocês foi a chave mais importante para me manter firme e forte, a minha gratidão por terem me financiado e me sustentado esse período de concretização de um sonho e que diante das dificuldades vocês sempre se mostraram firmes e confiantes de que tudo terminaria bem.

Sou grata aos meus irmãos lindos e maravilhosos, Lina, Mabel, e Leonardo por sempre estarem ao meu lado, torcendo por mim e nunca, jamais terem duvidado de meus sonhos. Sou grata as inúmeras ligações feitas a vocês e que sempre me fortalecia e me tranquilizava.

Obrigada Lina, minha irmã gêmea, meu ombro amigo, pelos puxões de orelha nas horas necessárias, por sentir e compartilhar mesmo distante de minhas angústias e ansiedades e principalmente por ser esse exemplo de mulher que por muitas vezes me amparou nos momentos difíceis. Se não fosse a sua ajuda talvez não teria conseguido fechar esse ciclo.

Obrigada Mabel, minha confidente, minha amiga, minha parceira por sempre mostrar admiração por mim, e por ter acreditado que sempre poderia ir além do que eu mesmo acreditava.

Obrigada Leonardo por a cada dia me mostrar que na vida só se vence com muito esforço e dedicação.

Sou grata ao meu cunhado Lucidio Junior por ser exemplo de coragem e persistência e por me mostrar que com paciência e luta se vence uma batalha e se conquista um sonho.

Sou grata a minha cunhada Daniela, que mesmo distante sempre torceu por mim e sempre acreditou que dias melhores chegariam! E Chegou!!

Agradeço minhas sobrinhas, Maria Eduarda, Alana e Maria Cecília que mesmo estando ausente em vários momentos importantes de suas vidas, vocês sempre foram o meu carregador para carregar minhas baterias, vocês sempre foram e sempre serão a minha razão de sempre querer buscar mais e mais... AMO VOCES!

Agradeço a Jesus, a minha Jeca, a minha babá, que cuidou de mim desde do meu nascimento, que me recebia com abraço forte e sincero sempre que voltava para casa.

Agradeço meus amigos da Morada do Sol, amigos de longa data, que sempre entenderam as minhas ausências e que graças a rede social pude minimizar a saudade que sentia de cada um de vocês. Sei que sempre torceram por mim!

Agradeço as minhas amigas *Psicólogas e afins* que souberam ter paciência nas horas abdicadas dos momentos de convivência e de diversão. Sempre me apoiaram e respeitaram meu momento de ausência. Obrigada minhas amigas por acreditarem em mim.

Agradeço a Denise Neiva, minha amiga, minha parceira, por me apoiar, por sempre se mostrar disposta e disponível em me ajudar e por me permitir dividir muitos momentos profissionais e pessoais.

Agradeço minhas grandes amigas e confidentes Jaqueline Maria e Sibebe Nara, com vocês compartilhei momentos de angústias, de dúvidas, de felicidades, de acertos e de certezas. Obrigada por sempre se fazerem presente em minha vida!

Agradeço imensamente aos meus tios Ferdinand e Rosália por ter me acolhido em sua residência. Por ter me ensinado a superar as dificuldades da vida da forma mais simples - com amor e união. Sei que vocês foram a peça importante para me fortalecer e me manter confiante. Obrigada por rezarem pelo meu sucesso. Obrigada meus primos Franklin e Fabrício por me tratarem como uma irmã. Amo vocês demais!!

Agradeço minha amiga Luara França por ter cedido seu lar, seu cantinho de estudo para que eu pudesse ter mais privacidade e concentração durante a conclusão da dissertação. Você foi um dos melhores presentes que já ganhei.

Aos membros da Banca Examinadora por aceitarem prontamente o convite: professora doutora Normanda Araújo de Moraes, que tenho uma admiração enorme pelo seu trabalho, pela sua competência e por sua sensibilidade. Sou sua fã. Agradeço a professora doutora Karla Patrícia Martins Ferreira por ser parceira no laboratório e por sempre se mostrar solidária com todos. Agradeço a professora doutora Lúcia Siebra que mesmo com o pouco contato me sinto privilegiada em tê-la em minha banca e, em especial, a minha orientadora professora doutora Sylvia Cavalcante pela paciência, compreensão, amizade e principalmente por acreditar em mim desde o nosso primeiro encontro. Serei eternamente grata.

Aos colegas do laboratório LERHA - turma agradeço pela convivência harmoniosa, alegre, solidária e amiga. Muito obrigada por enriquecer meus dias com momentos agradáveis e felizes.

Agradeço a Cynthia Holanda não tenho palavras para expressar o que significou ter você ao meu lado nesse tempo de estudo, leituras e pesquisas. Suas palavras de amizade significaram muito nos momentos mais difíceis dessa jornada, e me impulsionaram a dar continuidade à conclusão desta pesquisa.

Agradeço a Eniana Gomes e Airton Baquit, amigos que o mestrado me deu, que compartilharam tantos momentos comigo, que foram meu ombro amigo nesta minha fase de mestranda. Obrigada por fazeres dos momentos difíceis muito mais risinhos e felizes.

Agradeço a instituição de acolhimento, em especial Ana Lúcia e funcionários que abriram as portas da instituição e permitiram mais um pequeno passo na investigação de minha pesquisa, onde sempre se mostraram disponíveis e acessíveis. Agradeço pelo apoio, pela confiança que depositarão em mim, pela compreensão e pela vontade de ajudar.

A todos os adolescentes que aceitaram participar da pesquisa, mostrando empenho e vontade de expressar e dar sua opinião. Serei eternamente grata por terem me permitido conhecer um pouco mais cada um de vocês e por tornarem meus dias alegres. Tenho certeza de que esse tempo foi de muita graça e amadurecimento para mim.

A toda a equipe de professores, funcionários, secretários que compõem o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR, aos queridos Anderson e Sônia que sempre se mostraram disponíveis, educados e companheiros com todos. Em especial à 17ª turma que me encantaram pela acolhida, amizade e amor devotado à Psicologia e à pesquisa, muito obrigada!

E por fim, Agradeço a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP, pela concessão da Bolsa de estudos que além de apoio financeiro representou um estímulo a mais para a minha pesquisa por me ajudar a realizar o tão sonhado

mestrado.

Este trabalho tem um pouco de todos os sentimentos vivenciados nesses dois anos e meio e que foram fundamentais para a concretização deste sonho. Levo em minha bagagem, muito aprendizado, amadurecimento, força e principalmente o desejo de continuar aprendendo sempre mais para contribuir, na medida do possível com a psicologia, com o meio ambiente e principalmente com as instituições de acolhimento - esta última que tanto precisa de ajuda, estudos e, principalmente, cuidados e atenção! Meu Muito Obrigada!!!

“Aquilo que se faz por amor, parece ir sempre além dos limites do bem e do mal. É necessário ter o caos aqui dentro para gerar uma estrela.”

(Friedrich Nietzsche)

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar o significado do acolhimento institucional, enquanto espaço sociofísico, para os adolescentes institucionalizados. Participaram oito adolescentes do masculino com idade entre 13 e 15 anos, residentes de uma instituição de acolhimento na cidade de Fortaleza-Ce. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, observação participante, bem como registro em diários de campo como técnica de coleta de dados. Aplicou-se também o instrumento chamado “poema dos desejos” que consistia em expressar de forma livre e autêntica desenhos ou poemas, sentimentos e desejos relativos ao ambiente analisado a partir de uma frase aberta do tipo: Eu gostaria que o ambiente do abrigo... Os desenhos feitos pelos adolescentes indicaram três desejos: a criação de um campo de futebol, ampliação de um espaço de lazer e uma sala de estudos com computadores e internet. Com a entrevista semiestruturada de forma individual possibilitou captar mais informações específicas de cada adolescente e suas impressões acerca do significado da instituição. Utilizou-se a análise temática de conteúdo de Bardin para o tratamento dos dados, sendo que foram obtidos quatro categorias para análise: ambiente institucional para o adolescente; relação afetiva entre os adolescentes e entre os adolescentes e educadores sociais; percepções dos adolescentes sobre a entrada na instituição e o significado de casa ou instituição de acolhimento para os adolescentes. Pode-se concluir que a forma como a instituição lida com a situação de acolhimento institucional, principalmente no que se refere ao tratamento dos educadores sociais para com os adolescentes favorece no processo de permanência do adolescente na instituição. Para a psicologia ambiental, este ambiente institucional garante a satisfação de necessidades, o valor simbólico do lugar para os adolescentes, a permanência desta relação, e até mesmo a mobilidade quando necessário. As principais respostas encontradas pelos adolescentes quanto ao significado que o acolhimento institucional tem em relação a casa, se diferem em alguns pontos, porém o sentimento de proteção e segurança é demonstrado por todos, mesmo que suas experiências institucionais sejam diversas. No entanto, novas pesquisas sobre a temática da institucionalização de adolescentes, sobretudo, no olhar da psicologia ambiental são sugeridas para que o conhecimento científico desses processos avance e beneficie esses adolescentes em situação de institucionalização.

Palavras-chave: Acolhimento institucional, Adolescentes, Psicologia ambiental.

ABSTRACT

The aim of this study is to investigate the meaning of institutional sheltering, as a sociophysical space for institutionalised teenagers. Eight teen boys from 13 to 15 years old, residents of a shelter institute located in Fortaleza – CE participated in this research. Semi-structured interviews, participant observation and records from field journal were used as data collection. A instrument called “desire poem” was also used to express, in a free and authentic way, drawings or poems, feelings and desires about the environment analyzed, taking in consideration an open sentence, such as “I would like that the environment in shelter ...”. The drawings done by the adolescents have shown three desires: the creation of a soccer field, the expansion of a leisure area and a study room for computers and internet. With the individualized semi-structured interview was possible to collect more specific information about each teenager and his/her impression about the meaning of institution. The Thematic Analysis of Content by Bardin was used for data handling. Based on this, four evaluation category were considered: institutional environment for teenagers; affective relationship among adolescents and between teenagers and social educators; teens perception about the moment they enter in the institute and the meaning of home or shelter institute for them. It was possible to conclude that the way the institute deal with the institutional sheltering situation mainly related with the treatment social educators give to adolescents helps in the process of staying in the institute. For Environmental Psychology, this institutional environment ensures the satisfaction of needs, the symbolic value of place for teens, continuity of this relationship and even the mobility when necessary. The main answers found by the teenagers about the meaning that institutional sheltering has for them in relation to home are different in some aspects, thus the feeling of protection and security is demonstrated for all, even though their institutional experiences were diverse. However, new searches about institutionalizing theme of teens, especially in Environmental Psychology perspective, are suggested so the scientific knowledge of this process progress and benefit these teenagers in institutionalisation situation.

Keywords: Institutional Sheltering, Adolescents, Environmental Psychology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Roda dos Expostos	21
Figura 2. Abrigos dos expostos e a grande quantidade de crianças atendidas.....	22
Tabela 1. Participantes da pesquisa	43
Quadro 1. Análise das Categorias Temáticas	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONANDA	Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente
CNAS	Conselho Nacional de Assistência Social
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LERHA	Laboratório de Estudos das Relações Humano-Ambientais
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social
LOS	Lei Orgânica da Saúde
LOSAN	Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional
PA	Psicologia Ambiental
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
UNIFOR	Universidade de Fortaleza

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 Justificativa.....	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1 A história do abrigo no Brasil e seus dias atuais	20
2.2 Psicologia Ambiental - surgimento e conceitos	25
2.2.1 <i>Espaço e lugar</i>	28
2.2.2 <i>Apropriação</i>	30
2.2.3 <i>Apego ao lugar/ Vinculação afetiva</i>	31
2.3 Ambiente Institucional	34
3 OBJETIVOS.....	40
3.1 Objetivo Geral	40
3.2 Objetivo Específicos.....	40
4 MÉTODO.....	41
4.1 Delineamento da Pesquisa.....	39
4.2 Lócus da Pesquisa.....	41
4.3 Participantes.....	42
4.4 Instrumento	43
4.5 Poemas dos desejos	43
4.6 Entrevistas Semi-estruturadas.....	44
4.7 Procedimentos de coleta de dados	45
4.8 Observação Participante	44
4.9 Procedimentos Éticos	47
4.10 Procedimentos de Análise de Dados	48
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	50

5.1 Estrutura física da instituição	50
5.2 Diário de Campo.....	52
5.3 Descrição dos participantes	55
6 APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS	64
6.1 Poema dos Desejos	64
6.2 Construção de um campo de futebol	64
6.3 Ampliação do espaço de lazer	66
6.4 Sala de estudos com computador e internet	66
6.5 Entrevista Semi-estruturada.....	71
6.6 Ambiente institucional para o adolescente	72
6.7 Percepções dos adolescentes sobre a entrada na instituição.....	75
6.8 Relação afetiva entre os adolescentes e entre os adolescentes e educadores sociais .	78
6.9 Casa ou instituição de acolhimento?	81
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	88
ANEXOS.....	97
Anexo A - Roteiro de entrevista para os Adolescentes Institucionalizados	98
Anexo B - Poema dos Desejos	100
Anexo C - Parecer Consubstanciado do CEP.....	101
Anexo D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	107
Anexo E - Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade de Fortaleza – COÉTICA	111
Anexo F - Carta de Anuência	113
Anexo G - Estrutura Física	115
Anexo H - Desenhos Feitos pelos Adolescente.....	122

1 INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa

Um levantamento realizado em todas as regiões brasileiras, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, 2003), em que foram pesquisadas 626 instituições que acolhem crianças e adolescentes, verificou que 589 instituições oferecem programa de abrigo para crianças e adolescentes em situação de risco pessoal ou social. Estas instituições de acolhimento atendem cerca de 20 mil crianças e adolescentes que são, em sua maioria, meninos (58,5%), entre sete e 15 anos (61,3%). Estes estão em acolhimentos institucionais há um período que varia de sete meses a cinco anos (55,2%), sendo que uma parcela significativa (32,9%) está nas instituições há um período entre dois e cinco anos, mesmo esta sendo uma medida estabelecida como excepcional e provisória.

Esta dissertação trata sobre o significado do acolhimento institucional para adolescentes e teve origem em minha prática enquanto psicóloga nestes equipamentos de acolhimento institucional para este público, onde permaneci durante cinco anos. Essa prática fez com que aflorasse em mim o desejo de contribuir para a discussão dos diferentes aspectos da vida desses adolescentes nestas instituições.

Durante esse tempo presenciei situações dentro da instituição de acolhimento que me inquietaram e que me levaram a compreender alguns sentimentos dos adolescentes em questão. Cada relato, cada olhar, cada percepção de si, do ambiente, das expectativas futuras, da moradia, da convivência, me fizeram refletir sobre o quão esse processo de acolhimento precisa ser discutido.

Foi como integrante do Laboratório de Estudo das Relações Humano-Ambientais (LERHA), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de

Fortaleza (UNIFOR), que pude perceber e compreender que a Psicologia Ambiental (PA), área que se dedica a analisar as inter-relações pessoa/ambiente, poderia contribuir para a investigação a qual me propus realizar. Entende-se pois, que a Psicologia Ambiental (PA) estuda, entre outras questões, como o indivíduo avalia e percebe o ambiente no qual está inserido e, ao mesmo tempo, como está sendo influenciado pelo entorno.

Por essa razão, é importante ressaltar que o termo ambiente na PA, designa não somente o espaço físico da instituição onde acontecem as práticas cotidianas, mas também o espaço psicossocial onde se estabelecem interações sócio-afetivas entre os adolescentes e entre eles e a equipe que a constitui. Entende-se, pois, a necessidade de um aprofundamento sobre experiências de acolhimento institucional na perspectiva dos próprios adolescentes, principalmente após a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), com base no referencial teórico da PA.

As palavras abrigo e acolhimento, de acordo com alguns dicionários, significa ação ou efeito de acolher; modo de receber ou maneira de ser recebido; lugar em que há segurança; refúgio e proteção. Assim sendo, as instituições que se destinam a realizar este serviço devem ter como objetivo principal a proteção integral às crianças e adolescentes e devem buscar facilitar o retorno à convivência familiar.

O acolhimento, na forma de abrigo, é determinado por parâmetros estabelecidos em lei, dispondo, neste sentido o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) da Lei nº 8.069/90, publicado em 16/07/1990. O Estatuto trouxe como desafio a garantia dos direitos e o reordenamento das políticas de atendimento, focando na mudança de paradigma, o atendimento personalizado em pequenas unidades.

Foi com a implementação do ECA que as instituições tiveram que passar por adaptações mas, no entanto, estas ainda não foram suficientes para atender as exigências do Estatuto. Entende-se, pois, que acolhimento institucional deve ser uma medida protetiva de

caráter excepcional e provisória, dispondo de condições para garantir os cuidados adequados às necessidades das crianças e adolescentes institucionalizados, proporcionando educação, bem-estar e desenvolvimento integral como cuidado, proteção, socialização, desenvolvimento, garantia de convivência familiar e comunitária. A instituição é ainda responsável por promover o equilíbrio emocional dos adolescentes durante sua permanência.

Apesar da necessidade da medida de proteção, o ECA reforça que a permanência dos adolescentes nas instituições de acolhimento seja de no máximo dois anos (Art. 19, § 2º), porém se sabe que dura muito mais, indo além das necessidades dos acolhidos. Assim, diante dos traumas causados pela separação da família e pelos danos sofridos que levam à fragilização dos laços afetivos, a instituição de acolhimento pode se tornar um ambiente importante para os adolescentes.

Sabe-se que os lugares de habitação estão relacionados com a história de vida. Ao se depararem com um ambiente desconhecido, os adolescentes manifestam certo desconforto. Angústias e questionamentos são vivenciados por eles, uma vez que terão que experienciar novas convivências, novas rotinas, novas regras, novo espaço, entre outras. Todavia, é preciso que este adolescente se sinta seguro e confortável para que os sentimentos de apego, vivência e envolvimento emocional e físico passem a existir em relação ao ambiente institucional. Eles necessitam de apoio para esta construção e para que este suporte seja transmitido pela equipe técnica, educadores sociais e pelos companheiros da instituição (Siqueira & Dell'Aglio, 2006).

Dessa forma as o documento Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento para Criança e Adolescente (2008), estabelece parâmetros de funcionamento das entidades de acolhimento institucional, os quais devem oferecer cuidados e condições favoráveis ao desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, bem como devem contar com uma equipe técnica e serviços especializados, com ambiente acolhedor de aspecto semelhante ao

de uma residência.

Sendo assim, a temática abordada nesta dissertação apresentará em seu primeiro capítulo a contextualização histórica das instituições de acolhimento no Brasil, onde o abandono e a entrega de crianças e adolescentes advém desde o período Colonial e permanece até hoje, pois mesmo após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei n. 8.069, 1990), muitas questões ainda provocam debates em prol de alternativas urgentes para situação de abrigagem de crianças e adolescentes .

No capítulo seguinte, explicitaremos alguns conceitos importantes da psicologia ambiental – tais como espaço e lugar, apego ao lugar, apropriação – conceitos estes que me permitiram uma melhor compreensão da relação do adolescente com o ambiente institucional.

No terceiro capítulo, abordaremos a noção de ambiente institucional, buscando analisar as características da instituição do ponto de vista das diretrizes e assertivas necessárias ao desenvolvimento da autonomia dos adolescentes, para melhor compreender o significado de acolhimento para os adolescentes.

O capítulo seguinte traz a metodologia utilizada na construção deste o trabalho. Na busca por compreender os fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna, optou-se por empregar uma abordagem qualitativa com enfoque etnográfico explicitando os objetivos do trabalho e apresentando os métodos de investigação: a observação ampla da instituição e aplicação do instrumento Poema dos Desejos bem como as entrevistas semiestruturadas realizadas com os adolescentes.

Na última parte do trabalho, exponho os resultados e discussão, como também as principais considerações desta pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A história do abrigo no Brasil e seus dias atuais

Os abrigos surgiram por volta de 1550 e 1553, quando foram criadas pelos portugueses as Casas de Muchachos que serviam como internatos educacionais que acolhiam as crianças indígenas afastadas de suas tribos pelos portugueses (Sposati, 1994). Tais casas tinham o intuito de providenciar educação e ensinamentos religiosos às crianças com a intenção de catequizar os nativos e assim facilitar a colonização. O autor relata ainda que esses pequenos indígenas formaram um grupo de fieis que colaborava na pregação cristã pelas matas e pelos sertões tornando-se importantes auxiliares no trabalho de conversão.

Por outro lado, nos tempos da Antiguidade, o abandono, o aborto e o infanticídio (morte indiscriminada de crianças) eram práticas não só frequentes como aceites e regulamentadas. Em Roma e na Grécia, os filhos podiam ser vendidos como escravos pelos próprios pais ou até mortos ou queimados se tivessem alguma malformação, pois esta era vista como um sinal de mau presságio para a comunidade (Sousa, 2013).

Durante longos anos, a Igreja assumiu a responsabilidade para com as crianças abandonadas, sendo a Igreja Católica a responsável pela criação das primeiras leis para sua proteção (Sousa, 2013). Foi somente no século XVIII que surgiram no Brasil as primeiras instituições de proteção às crianças abandonadas, na cidade de Salvador no ano de 1726, no Rio de Janeiro em 1738 e em Recife em 1789 nas quais foram implantadas as três primeiras Rodas de Expostos, como eram chamadas (Marcílio, 2003).

Inventada na Europa Medieval, a Roda dos Expostos era um mecanismo, em forma de um cilindro cuja lateral era aberta em um dos lados e girava cento e oitenta graus e ficava embutido em uma parede. Uma campainha era acionada quando uma mulher desejava expor

um recém-nascido, onde imediatamente a pessoa de plantão recebia a criança e levava-o para o interior da instituição.

A Roda dos Expostos era construída de tal forma que aquele que expunha a criança não era visto por aquele que a recebia. Ela destinava-se à proteção de bebês que, em grande parte, vinham de mães, solteiras ou as que geravam filhos considerados bastardos e eram obrigadas a abandoná-los. Roda de Expostos servia como um meio eficaz para impedir o infanticídio e o aborto.



Figura 1. Roda dos Expostos (Baptista, 2006).

Com isso foram criadas pela Santa Casa de Misericórdia as primeiras instituições de proteção à infância, onde geralmente seguiam o modelo do claustro e da vida religiosa. Crianças nascidas em situação de pobreza e/ou em famílias com dificuldades para criarem seus filhos já tinham um destino quase certo, o de serem encaminhadas para as instituições como se fossem órfãs ou abandonadas. Segundo I. Rizzini e Rizzini (2004) a alegação era a de que os pobres eram irresponsáveis e incapazes de amar e educar os seus filhos, essas famílias eram consideradas um risco para a nação e um elo fraco do sistema.



Figura 2. Abrigos dos expostos e a grande quantidade de crianças atendidas

Nota: A imagem faz parte do acervo do Museu da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (Baptista, 2006).

A institucionalização servia para obrigar as famílias que não se enquadrassem dentro da moral estabelecida pela sociedade a abandonar suas crianças. Institucionalizar era a solução encontrada para proteger as estruturas de poder de uma sociedade marcada pela desigualdade e exclusão (Marcílio, 2003).

Entretanto, como era impossível dar conta de todas as crianças abandonadas, uma vez que o encargo com os expostos era uma tarefa pesada, custosa e difícil, muitas destas crianças acabavam por perambular pelas ruas, prostituindo-se ou vivendo de esmolas e pequenos furtos.

A partir de então o primeiro conjunto de leis estabelecido no Brasil para as crianças e os adolescentes foi criado em 1927 e ficou conhecido como o Código de Menores. Esse documento foi elaborado, exclusivamente, para o controle das crianças e adolescentes abandonadas e delinquentes e tinha um caráter discriminatório, visto que associava pobreza à "delinquência" e encobria as reais causas das dificuldades vividas por esse público. Após a

criação do primeiro Código de Menores, crianças e adolescentes deixaram de ser objetos de caridade, passando a ser foco de políticas públicas. Foi com esse Código que a Roda dos Expostos entrou em extinção (Marcílio, 2003; Rizzini & Pilotti, 2009).

Essas instituições foram mudando conforme a influência das ideias da Revolução Francesa, que motivava transformações conceituais, as quais passaram a ser compreendidas como formadoras (e reformadoras) de seus internos como cidadãos.

Segundo Baptista (2006), o ano de 1964 foi marcado por muitas mudanças no cenário político. Foi aprovada a Lei nº 4.513, que criou a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem), com o objetivo de formular e implantar uma política nacional nessa área. O problema da criança e do adolescente passou a ser abordado como questão de segurança nacional e, portanto, enfrentado de forma estratégica, por meio de um conjunto de medidas legislativas, administrativas e políticas.

Foi então, com a regulamentação da Constituição Federal de 1988 que deu suporte a instituição de ordenações legais com base nos direitos sociais das crianças e adolescentes, tais como: o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei Federal n. 8.069/90), a Lei Orgânica da Saúde - LOS (Lei Federal n. 8.080/90); a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA (Lei Federal n. 8.242/91); a Lei Orgânica da Assistência Social - LOAS (Lei Federal n. 8.742/93), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (Lei Federal n. 9.394/96); a Lei Orgânica de Segurança Alimentar - LOSAN (Lei Federal n. 11.346/06), além da recente integração dos serviços sociais, por meio do Sistema Único de Assistência Social - SUAS (Queiroz & Rizzini, 2012).

Mas a grande transformação se deu no ano de 1990 com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, cujos destinatários já não eram mais os *menores* e sim as pessoas em desenvolvimento com proteção dos seus direitos fundamentais, sendo garantido tanto às crianças como aos adolescentes de todo o território nacional, sem nenhuma distinção. O

estatuto destaca a convivência familiar e comunitária como direito fundamental, estabelecendo como prioridade o atendimento à infância e à juventude em situação de risco pessoal e social.

Com a criação do ECA as crianças e adolescentes passaram a ser consideradas como sujeitos de direitos, com necessidades específicas de desenvolvimento e com uma política de direitos constituídos social e historicamente. No disposto do artigo 19 do referido estatuto traz a seguinte informação “Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambientes livres da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes” (Lei n. 8.069, 1990). Diante disso o ECA foi reconhecido como umas das legislações mais avançadas da atualidade e no campo legal representou, de fato, uma reviravolta completa.

A partir de então as instituições foram se estendendo e criando outras nomenclaturas. Com aprovação da Resolução Conjunta do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) e Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), nº 1, de 18 de junho de 2009 o termo *acolhimento institucional* foi aceito a partir das *Orientações Técnicas*, devido à adequação do espaço físico e do número de crianças e de adolescentes atendidos em cada unidade, de forma a garantir o atendimento individualizado e em pequenos grupos, sendo uma medida excepcional e provisória. Hoje elas têm a função de garantir a proteção integral dos direitos da criança e do adolescente.

As instituições existem em todas as sociedades que propõem seguir adequadamente sua estrutura e funcionamento, por isso, podemos considerar que assumem um caráter universal.

A mudança de rumos proporcionou condições formais para a reformulação das políticas públicas em favor da infância e da juventude. As políticas assistenciais passaram a

ser dirigidas ao atendimento compensatório a toda criança que delas necessite (Marcílio, 2003). Isso significa que a sua intervenção deverá ser especializada e a forma como se organizam deve ter como objetivo proporcionar modelos educativos adequados às crianças e adolescentes que são acolhidos, promovendo uma relação afetiva de tipo familiar, uma vida diária personalizada e a sua integração na comunidade (Marcílio, 2003).

Estudar os adolescentes acolhidos nas instituições nos possibilita a compreensão de como eles reagem às condições desse ambiente, podendo avaliar e perceber como os espaços físicos, a convivência e as relações afetivas podem ter influência cultural, social, ambiental, psicológica, dentre outras, esperando contribuir para uma melhoria da qualidade na prestação destes serviços, bem como para uma compreensão dos mais profundos e subjetivos sentimentos dos adolescentes acolhidos.

2.2 Psicologia Ambiental - surgimento e conceitos

A psicologia é a ciência que estuda o comportamento e os processos mentais dos indivíduos e apresenta diversas áreas de estudo, entre elas, a Psicologia Ambiental (PA), que é uma disciplina pouco explorada no meio acadêmico, porém seu campo de estudo é vasto e relevante, exatamente por estudar a relação do homem com o ambiente sociofísico e por buscar compreender as atitudes e comportamentos ambientais.

Ela é interdisciplinar e aborda diversas áreas tais como arquitetura, sociologia urbana e ambiental, ecologia, ergonomia, paisagismo, decoração de interiores, etc. e trata dos assuntos ligados às relações entre o comportamento humano e o meio ambiente (Günther & Rozestraten, 2005).

As primeiras pesquisas em Psicologia Ambiental se desenvolveram após a Segunda Guerra Mundial. A origem desta área foi atribuída a uma implementação de programas

habitacionais de larga escala, no quadro da política de reconstrução do pós-guerra, afim de acomodar os desabrigados, e refletir não somente os princípios de construção e estética, mas também fatores como as necessidades psicológicas e comportamentais dos usuários.

Seu crescimento se deu a partir dos problemas de ordem ambiental e, também, pela falta de habilidade da Psicologia tradicional trabalhar com as preocupações e consequente conscientização dos riscos e danos que o crescimento demográfico, a poluição e a degradação ambiental poderiam causar à espécie humana.

Na década de 1980, a Psicologia Ambiental passa a fazer parte dos cursos universitários e, na década de 1990, a Psicologia Ambiental sofre uma reestruturação averiguando formas de melhoria da qualidade de vida das pessoas em seu ambiente sócio-físico (Freire &Vieira, 2006).

Alguns teóricos destas áreas explicam diversos conceitos sobre a relação pessoa-ambiente. Ittelson, Proshansky, Rivlin e Winkel (2005), fala que a psicologia ambiental estuda seres humanos em seus contextos diários, investigando o seu comportamento tal como ele é, sendo parte importante de seu meio. Sommer (1969/1973), estuda os espaços ocupados pelas pessoas, as distâncias entre elas, o modo como os espaços construídos afetam seu comportamento e subjetividade e a capacidade de tolerância da presença do outro nos lugares que pode garantir sentimentos de proteção e de segurança, etc.

Já Wiesenfeld (2005) diz que a psicologia ambiental possibilita a compreensão de como o indivíduo reage às condições do ambiente, podendo avaliar e perceber que os espaços físicos também podem influenciar na maneira de atuar das pessoas, pois elas interagem diferentemente, dependendo do local.

Assim, esses autores, como também Günther e Rozestraten (2005) assinalam quatro aspectos que são relevantes da PA:

1. Seu estudo é determinado e limitado ao próprio indivíduo;

2. Os problemas de investigação científica estão relacionados a problemas sociais;
3. A PA possui natureza multidisciplinar;
4. Estuda o sujeito como parte integrante da situação problema.

De acordo com esses conceitos sobre interações entre as pessoas e o ambiente, Silva (2014) fala que uma mesma pessoa na sua vivência cotidiana exerce diferentes funções, e frequentemente, se comporta de forma diferenciada nos diversos ambientes ou meios em que vive, em função dos papéis sociais que precisa representar. Para autora, nenhum ser sai ileso dos encontros que ocorrem diariamente, pois “a medida que modificamos o ambiente, o ambiente nos modifica” (Silva, 2014, p.15).

Sendo assim a PA é uma ciência que coloca em evidência a vinculação das pessoas com seus espaços. Existem processos que fazem referência a *laços afetivos* relacionados aos lugares e aos seus vínculos. Eles são comuns de serem observados no espaço em que se vive (Valera, 1996).

Com isso pode-se utilizar a instituição como ponto de referência dos adolescentes no qual se convive e os mantém seguros e protegidos, assim como também os outros ambientes em que se relacionam e interagem, podendo ter suas relações humano-ambientais analisadas e verificadas da melhor forma mediante os conceitos mencionados (Valera, 1996).

Na instituição de acolhimento por exemplo, a sensação para alguns adolescentes de ter muitos moradores em uma só casa pode ser boa, por deixar a casa mais alegre e animada. No entanto, para outros, a vivência dessa situação pode ser vista como uma invasão de espaço, que compromete a privacidade, “duas pessoas em um cômodo podem constituir uma multidão” (Tuan, 1983, p. 68).

Oliveira (2006) relata que acolher o adolescente, é identificar suas necessidades e ainda, oferecer-lhe um ambiente que possa lhe trazer conforto e segurança. Segundo Ittelson et al. (2005) “A medida que o individuo modifica seu mundo, ele modifica a si próprio,

podendo se reencontrar em um espaço de subjetivação” (p. 3).

A importância de conhecer o significado de acolhimento institucional na percepção do adolescente é incontestável quando se considera o vínculo que o homem estabelece com o meio no qual convive, pois o lugar em que a pessoa mora, se relaciona, trabalha e vive, define-se como o ambiente no qual está inserido. A relação pessoa-ambiente é sempre total, abrangente e contínua. Incessantemente, o indivíduo recria seu meio, pois o influencia e é influenciado por ele (Cavalcante & Marciel, 2008).

Sendo assim, pode-se dizer que a base de atuação da PA é formada pela união dos estudos comportamentais, culturais, psicológicos e subjetivos, beneficiando diversos campos de conhecimento (Valera, 1996), onde cada pessoa percebe, avalia e tem atitudes individuais em relação ao seu ambiente físico e social.

2.2.1 Espaço e lugar

O conceito de ambiente nos remete a duas outras noções de significado semelhante: espaço e lugar. São termos que indicam experiências comuns. O lugar é pausa, segurança e o espaço é movimento, liberdade. Cada pausa no movimento permite transformar espaço em lugar (Silva, 2014).

Ter um lugar é existir no meio ambiente humano. Para Tuan (1983), lugar é um local ao qual se atribui valor e onde são satisfeitas necessidades biológicas, psicológicas e sociais. Assim sendo, o espaço físico do ambiente institucional é reconhecido pelos adolescentes como lugar a partir do valor atribuído a ele pelas vivências e sentimentos relacionados (Tuan, 1983).

É importante abordarmos espaço em relação a lugar, pois quando se evoca um, se pensa no outro. O espaço quando se torna lugar ganha importância e identificação situando-se

para além dos seus limites físicos (Cavalcante & Nóbrega, 2011).

Espaço coloca em destaque o aspecto físico e refere-se a uma área geométrica concreta, palco de ações e percepções, as quais irão transformá-lo em lugar (Cavalcante & Nóbrega, 2011). O lugar leva a pessoa para dentro de si mesma, resgata encontros, memórias, experiências ou qualquer outro objeto estável que tenha captado nossa atenção (Tuan, 1983, p. 179).

Giuliani (2004) diz que lugares correspondem a períodos significativos na vida pessoal e são fundamentais para estabelecer uma ligação entre o indivíduo e seu passado, seu presente e seu futuro. Tuan (1983) reforça dizendo que um lugar pode ocorrer em um breve lapso de tempo, como também pode demandar dias ou até anos; todavia, para que isso aconteça é decisivo o sentir do lugar. Compreende-se, portanto, que o ambiente institucional, refletindo proteção e segurança constitui-se lugar para os adolescentes.

Segundo Mota e Matos (2010), a forma como os adolescentes interpretam seu novo ambiente de vida é fundamental para o percurso de desenvolvimento, psíquico e emocional. Ao mesmo tempo, suas expectativas em relação a este ambiente, podem influenciar seu modo de usa-lo, se movimentar e se sentir em relação a ele.

Nesse contexto, cabe citar Winnicott (1999) que acredita que por mais simples que seja, o lar é lugar de relação importante para o sujeito. Afirma ainda que se deve sempre ter o cuidado de jamais interferir em um ambiente que esteja funcionando, pois segundo o autor a possibilidade de sentir-se pertencente à segurança de um lar é condição fundamental para o saudável desenvolvimento da personalidade. Winnicott (1999) prossegue afirmando que os adolescentes que tiveram um ambiente familiar frustrado precisam mais ainda de um ambiente capaz de proporcionar-lhes “estabilidade ambiental, cuidados individuais e a continuidade desses cuidados”. Segundo o autor, a estabilidade de um ambiente é gerada pela continuidade da permanência do sujeito e é fundamental para que o indivíduo possa se

sentir pertencente a ele (Winnicott, 1999). A permanência em um ambiente possibilita também o processo de apropriação.

2.2.2 Apropriação

Ao interagir com um espaço, o indivíduo passa a conhecê-lo: o observa, modifica-o e o torna seu, o que constitui o processo de apropriação. O homem se apropria dos espaços pelos órgãos dos sentidos e manifesta, a partir dessa relação, sentimentos de pertença e filiação. A apropriação é resultado de uma atividade complexa, em que todas as funções intelectuais básicas também estão envolvidas (Silva, 2014), como, por exemplo, percepção, representação e identificação.

Segundo Cavalcante e Elias (2011), o olhar permite um primeiro grau de apropriação, tornando as coisas conhecidas e suscitando no observador um sentimento de domínio e familiaridade em relação ao objeto ou lugar. Apropriar-se é um processo psicossocial central na interação do sujeito com seu entorno por meio do qual o ser humano se projeta no espaço e o transforma em um prolongamento de sua pessoa, criando um lugar seu (Cavalcante & Elias, 2011, p. 63).

Quanto mais tempo se passa em interação com um lugar, mais marcas pessoais se deixa nele, como prova concreta de que foi utilizado, habitado e apropriado. Na era primitiva, por exemplo, a humanidade habitava as cavernas, onde foram encontrados desenhos de seus primeiros habitantes, dando indício de que aquele ambiente havia sido apropriado.

A necessidade de personalização de um espaço é um processo por meio do qual o espaço se torna parte da vida da pessoa. É o que acontece quando uma pessoa muda de residência ou de cidade e leva consigo objetos e costumes que lhe agradam de sua antiga casa, a fim de se sentir mais familiarizada em seu novo lugar. Para Tuan (1983), os seres

humanos têm seus próprios pertences e todos têm necessidade de ter um lugar seu, quer seja uma cadeira no quarto, quer seja um canto em uma mesa.

É a familiaridade com um espaço que assinala a implicação mútua da pessoa com seus espaços apropriados. À medida que o indivíduo se apropria do espaço, o espaço vai se apropriando dele, podendo, em casos extremos, “imobilizá-lo em seus modos de ser e fazer” (Cavalcante & Elias, 2011, p. 67). É o que Vivela Petit (1976 citado por Cavalcante & Elias, 2011, p. 67), chama de espaço apropriante. Por outro lado, a apropriação exige uma confirmação contínua das posses e conquistas para que a pessoa não corra o risco de ser desapropriada delas, isto é, sofra um processo de desapropriação (Chombart de Lauwe, 1976 citado por Cavalcante & Elias, 2011, p. 67).

Em síntese, ao ser apropriado, um espaço deixa de ser neutro, passando a possuir um significado, transformando-se, portanto, em lugar (Cavalcante & Elias, 2011; Tuan, 1983). Um espaço apropriado dá segurança ao indivíduo, permitindo que ele crie vínculo com o lugar.

Diante do exposto, vale observar como se passa o processo de apropriação em instituições de acolhimento, onde, grande parte dos objetos e pertences como roupas, sapatos, cadernos escolares e brinquedos são compartilhados.

2.2.3 Apego ao lugar/ Vinculação afetiva

Por volta da década de 1990, surgiram alguns pesquisadores, como Giuliani(2004), interessados na vinculação afetiva entre a pessoa e o ambiente, levantando questões sobre a noção de apego e considerando-a uma *necessidade humana fundamental*.

Para Giuliani (2004), o apego ao lugar caracteriza-se pela presença de afetos que as pessoas sentem de diversas maneiras em relação aos lugares em que nasceram e onde vivenciaram acontecimentos e relações com pessoas significativas e que fizeram ou fazem parte dos locais em que já viveram.

A relação marcada por afetos e emoções pode influenciar a experiência concreta, vivida e cotidiana do adolescente dentro da instituição, uma vez que o apego ao lugar propicia às pessoas sentimentos de conforto e segurança, promovendo bem-estar. Lima e Bomfim (2009) falam que isso pode ser observado em comunidades, instituições e vilas, entre outras, pois as pessoas se sentem fazendo parte de uma rede de relações de apoio mútuo.

Muitos estudiosos conceituam o apego como um sentimento dinâmico e complexo, o qual acontece quando uma interação particular é acompanhada de forte significado (Giuliani, 2004). A autora ressalta três processos que podem gerar sentimento de apego: o primeiro refere-se à satisfação das necessidades da pessoa no local, havendo assim predominância dos componentes cognitivos e de sua relação funcional com o ambiente; o segundo relaciona-se com os significados dos lugares a nível simbólico e/ou físico em relação à identidade da pessoa e o terceiro refere-se a um grande período de residência e familiaridade, com ênfase nas questões emocionais, no sentimento de segurança e no bem estar que propicia as pessoas.

Rivlin (2003) fala que o apego é mais emocional do que funcional, pois o laço com o

local não é atribuído às suas qualidades específicas, mas ao sentimento de segurança e bem-estar que ele propicia ao indivíduo, pois pode constituir a base territorial de nossa existência. Dentre os inúmeros lugares que podem ser experienciados, aquele que é habitado se destaca por sua importância emocional, pela duração de tempo em que se vive nele e pelas vivências construídas ao longo do tempo (Scannell & Gifford, 2010). O apego está relacionado, portanto, com a proximidade do local, o tempo de moradia e a manutenção e esforço das pessoas para voltar a ele.

Ser apegado a um lugar é conhecer e organizar os detalhes de seu ambiente. As pessoas podem se apegar a um lugar como forma de obter uma representação de si mesmas, melhorando a autoestima e reforçando sua identidade (Scannell & Gifford, 2010).

Embora a instituição esteja relacionada a sofrimento e rompimentos de vínculos, ela realiza um grande número de atividades, desempenha papéis e funções, abrindo espaço para o desenvolvimento de relações recíprocas, de equilíbrio de poder e de afeto estável. Assim sendo, as instituições de acolhimento podem proporcionar um espaço seguro e protetivo para os adolescentes (Siqueira & Dell'Aglio, 2006).

Hardy (2007) salienta que crianças e/ou adolescentes que sofreram maus-tratos ou negligência familiar, tendem a apresentar com maior frequência dificuldade nas interações de apego, mas, quando ocorre um relacionamento saudável com um cuidador ou com alguém da equipe da instituição, os efeitos negativos do apego inseguro serão minimizados. A relação de apego entre o cuidador e o adolescente pode vir a se tornar fundamental, assumindo característica de fator protetivo, servindo, inclusive, como uma base segura em caso de exploração e refúgio nos momentos de estresse e medo por parte do adolescente.

Nesse sentido os laços afetivos e o apego à instituição, quando são bem trabalhados e estabelecidos pela equipe e pela rede de apoio, podem possibilitar um amadurecimento personalidade dos adolescentes, promovendo o bemestar e a transformação social dos mesmo

2.3. AMBIENTE INSTITUCIONAL

De acordo com Aragonés e Américo (2000), ambiente é o objeto de estudo da psicologia ambiental, é o que rodeia as pessoas e interage com elas em seu contexto, é sócio-físico e construído socialmente. O ambiente é um agente continuamente presente na vivência humana. De fato, o comportamento do indivíduo envolve a interação com o ambiente, desde atividades simples como alimentar-se e vestir-se, até atividades complexas nossa casa, vizinhança, parques, entre outras.

Em se tratando de ambiente institucional, Delgado (2012) faz uma relação entre o ambiente e o desenvolvimento humano, pois, segundo o autor, o modo como o espaço ecológico-social em que o adolescente está inserido, influencia o seu percurso condicionando ou potencializando por intermédio das interações que, ao longo da vida os mesmos mantêm com o meio envolvente.

Considerando que o desenvolvimento humano acontece em interação com o ambiente, estudar o fenômeno dentro do seu contexto, ou melhor dizendo, dentro da instituição de acolhimento, é estudar a inter-relação, onde o adolescente interage com o ambiente, percebendo e se apropriando dos espaços da instituição, espaços esses que vão se transformando em lugares e estabelecendo assim, relações familiares, comunitárias e sociais (Moser,1998).

Segundo Silva (2016), o mundo institucional é completamente diferente daquilo a que as crianças e adolescentes estão habituados: as normas, os valores, as rotinas, os horários, as tarefas e as atividades são hábitos desconhecidos para quem chega à instituição. Segundo a autora, a institucionalização contribuirá para alterar os hábitos das crianças e adolescentes, no sentido em que se apresenta como uma nova realidade na qual existem aspetos culturais

distintos daqueles em que essas crianças e adolescentes foram socializados e que se espera que eles venham a interiorizar.

Siqueira e Dell’Aglío (2007) expõem que o ambiente institucional pode representar um fator de risco ou proteção, a depender dos efeitos produzidos sobre os adolescentes. Entende-se por fatores de risco os obstáculos individuais ou ambientais que aumentariam a vulnerabilidade da criança ou do adolescente para resultados negativos em seu desenvolvimento. Já os fatores de proteção são definidos por meio de três formas complementares: individuais (autoestima positiva, autocontrole, autonomia, características de temperamento afetuoso e flexível); familiares (coesão, estabilidade, respeito mútuo, apoio e suporte) e ambientais (apoio do meio ambiente, bom relacionamento com os amigos, pessoas significativas que assumem papéis de referência e de segurança) (Pesce, Assis, Santos, & Oliveira, 2004).

Assim sendo, o ambiente institucional pode ser um mediador de muitos comportamentos que o adolescente, desenvolverá durante sua permanência na instituição. Para tanto as instituições de acolhimento precisam se recriar, se reinventar, estabelecendo modelos para que sejam um lugar de inclusão proporcionando bem-estar social e construindo realidades através da interação com os elementos demográficos, físico-naturais, sociais e culturais de uma comunidade. (Siqueira, Dell’Aglío, 2007)

Diante disso, o acolhimento institucional (ou programas de acolhimento) oferece diversas modalidades em diferentes instituições governamentais ou não governamentais, afim de proporcionar condições favoráveis e saudáveis para o desenvolvimento dos adolescentes, tais como: acolhimentos institucionais, casas-lares, famílias acolhedoras e repúblicas (CONANDA/ CNAS, 2008)

Acolhimentos Institucionais é a modalidade mais utilizada de acolhimento. Sua escolha deve basear-se em indicadores que possibilitem um melhor atendimento à criança e

ao adolescente. O primeiro indicador importante é o território. A proximidade física entre o acolhimento institucional e a família possibilita o trabalho com a rede familiar, principalmente na troca de visitas dos familiares à criança e da criança à família, favorecendo a manutenção do vínculo entre eles.

Este serviço é especializado e as condições institucionais para o acolhimento devem estar em padrões de dignidade, funcionando como moradia provisória até que seja viabilizado o retorno à família de origem ou, na sua impossibilidade, o encaminhamento para família substituta.

A *casa-lar* é uma modalidade de acolhimento muito próxima ao acolhimento institucional. A única diferença está no fato de o educador ser residente, ou seja, o educador da casa-lar morar na instituição. No entanto, ele não é o único educador-funcionário, devendo ter ajudantes e quem o substitua no período noturno, folgas e férias. Presta cuidados a um grupo de crianças e adolescentes sob medida protetiva de abrigo, até que seja viabilizado o retorno à família de origem ou, em sua impossibilidade, o encaminhamento para família substituta.

Esse tipo de atendimento objetiva estimular o desenvolvimento de relações mais próximas do ambiente familiar, promover hábitos e atitudes de autonomia e de interação social com as pessoas da comunidade.

A *família acolhedora* é um serviço que consiste em capacitar famílias da comunidade para receberem em suas casas, por um período determinado, crianças, adolescentes ou grupos de irmãos em situação de risco pessoal e social, dando-lhes acolhida, amparo, aceitação, amor e a possibilidade de convivência familiar e comunitária. A família acolhedora assume o papel de parceira no atendimento e na preparação para o retorno à família biológica ou, na sua total impossibilidade, encaminhamento para adoção.

Por fim a *República* recebe adolescentes de 18 anos que permaneceram acolhidos nas

instituições, por não terem rede familiar ou qualquer outra rede em condições de recebê-los. Há duas modalidades de república.

Na primeira, o modelo é mais próximo ao do acolhimento institucional. É um programa de preparação para a independência dos adolescentes, voltado para o fortalecimento da autonomia e da emancipação, ainda com grande apoio da instituição, e estes podem ter um tempo (até os 21 anos) para iniciarem sua autonomia. Após esse período espera-se que possam ter condições de viver por conta própria.

Na segunda modalidade, há um número menor de jovens, quatro ou cinco no máximo, parceiros escolhidos por eles próprios, por afinidades ou parentesco. Pode ser a própria família, mãe e irmãos, ou parceiros-amigos da instituição e deve receber supervisão técnica e localizar-se em áreas residenciais da cidade, seguindo o padrão socioeconômico da comunidade onde estiverem inseridas, sem distanciar-se excessivamente, do ponto de vista socioeconômico, da comunidade de origem dos usuários.

Como a pesquisa ocorreu na cidade de Fortaleza-ce, buscou-se informações sobre a quantidade de acolhimentos institucionais e o número de adolescentes acolhidos. Porém somente foi encontrado dados referente ao Relatório do Conselho Nacional do Ministério Público (2013) em que resultou no registro de 574 crianças/adolescentes acolhidas na modalidade acolhimento institucional e 95 na modalidade casa-lar no Estado do Ceará.

A garantia de que essas entidades de acolhimento, em suas várias modalidades (casa de passagem; casa-lar; acolhimento institucional; repúblicas) opere efetivamente como um espaço de proteção, requer que se dê especial atenção à qualidade do vínculo entre profissional e o adolescente. Uma das tarefas fundamentais no âmbito da entidade de acolhimento, senão a mais fundamental delas, é a de possibilitar o estabelecimento desse vínculo (França, 2010).

Portanto, as instituições de acolhimento deverão contemplar várias áreas de

intervenção, sendo, para isso, necessária a existência das referidas equipes articuladas entre si e a presença de profissionais com formação em diferentes áreas. Só assim será possível proporcionar um desenvolvimento e crescimento saudável aos adolescentes acolhidos pelas instituições, bem como dotá-los de experiências enriquecedoras.

O Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito da Criança e do Adolescente à Convivência Familiar e Comunitária (aprovado em dezembro de 2006 pelo Conanda e pelo Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS) detalha um processo de reordenamento dos serviços de acolhimento proposto pelo ECA. Reordenar significa dar uma nova ordem aos serviços e programas a partir dos marcos legais, revendo e articulando a política pública, repensando os paradigmas conceituais, reorganizando serviços e estruturas institucionais, refletindo sobre a política pedagógica das instituições de acolhimento, os programas de atendimento às crianças e famílias em situação de vulnerabilidade e promovendo as articulações necessárias.

Por essa razão as instituições de acolhimento não devem se distanciar excessivamente do ponto de vista geográfico e socioeconômico, da comunidade de origem das crianças e dos adolescentes atendidos, visando um atendimento personalizado e em pequenos grupos, favorecendo assim, o convívio familiar e comunitário, bem como a utilização dos equipamentos e dos serviços disponíveis na comunidade local.

Devem funcionar como uma moradia provisória até que seja viabilizado o retorno à família de origem ou o encaminhamento para uma família substituta e, na sua impossibilidade, proporcionar autonomia na fase adulta do adolescente.

É importante esclarecer que estas instituições têm como público-alvo crianças e adolescentes, que ficam sob os cuidados dos educadores sociais e profissionais e pode ser de natureza pública ou privada e deve garantir atendimento personalizado, 24 horas por dia e deve ter, como premissa básica, a complexidade da situação familiar que gerou a aplicação da

medida de acolhimento institucional (Resolução Conjunta CNAS/CONANDA, 2009).

Diante disso, Winnicott (1999) relata a importância do trabalho em abrigos, afirmando que deve ser considerado sua importância em termos de reduzir o fracasso do próprio lar do adolescente, e permitir que esses adolescentes possam ressignificar suas experiências e caminhar em direção a uma vida psicológica saudável.

3 OBJETIVOS

De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo permanentemente inacabado. Ela se faz através de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo subsídios para uma intervenção no real. Segundo o autor, a pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos. Nesta sequência levantamos nossa pergunta de partida: Qual o significado do acolhimento institucional para adolescentes institucionalizados? A seguir apresentaremos o objetivo principal e os específicos que irão nortear nossa pesquisa.

3.1 Objetivo Geral

Investigar o significado do acolhimento institucional, enquanto espaço sociofísico, para os adolescentes institucionalizados.

3.2 Objetivo Específicos

- a) Conhecer as rotinas diárias dos adolescentes institucionalizados;
- b) Conhecer as percepções dos adolescentes sobre a vivência do processo de institucionalização;
- c) Compreender o estabelecimento de relações de vinculação entre adolescentes e entre adolescentes e educadores sociais;
- d) Identificar o significado que os adolescentes atribuem ao acolhimento institucional.

4. MÉTODO

4.1 Delineamento da pesquisa

Trata-se de um estudo qualitativo com enfoque etnográfico, em que se buscou compreender “Qual o significado de acolhimento institucional para adolescentes institucionalizados?”. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, observação participante com registro em diários de campo como técnica de coleta de dados. Aplicou-se também o instrumento chamado *poema dos desejos* ou *wish poem* (Sanoff, 1977; Rheingantz, Azevedo, Brasileiro, Alcântara, & Queiroz, 2009) através do qual os respondentes expressam de forma livre e autêntica desenhos ou poemas, suas necessidades, sentimentos e desejos relativos ao ambiente analisado a partir de uma frase aberta do tipo: *Eu gostaria que o ambiente do abrigo...*

4.2 Lócus da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma instituição de acolhimento de adolescentes na cidade de Fortaleza, estado do Ceará. O local foi selecionado devido à sua abertura a trabalhos de pesquisa dessa natureza, ela está localizado em um bairro residencial e trata-se de uma instituição criada em 2008 e é mantida pela Organização Não Governamental (ONG) Associação dos Moradores do Tancredo Neves. A instituição acolhe adolescentes do sexo masculino marcados pelo abandono, maus tratos e pela falta de moradia, com vínculos familiares fragilizados, ou rompidos. Ela recebe ajuda financeira do Governo do Estado do Ceará, e disponibiliza serviço como assistência à saúde, educação e lazer. A instituição tem convênio com uma escola particular que fica em suas proximidades, facilitando assim o deslocamento dos adolescentes à escola.

Na instituição em foco, o perfil de acolhimento vai dos 13 aos 15 anos e atualmente residem 16 adolescentes. Os adolescentes ao completarem 16 anos (limite de idade máximo que ficam acolhidos nessa instituição), caso não sejam adotados ou retornarem para suas famílias são encaminhados para uma outra extensão do acolhimento institucional, onde ficam até atingir a maioridade, sendo estimulados, assim, à busca pela sua autonomia. Atualmente a equipe técnica é composta por uma Coordenadora e Pedagoga, um psicólogo, uma advogada, uma Assistente Social, oito educadores sociais, duas cozinheiras, um motorista e um de serviços gerais.

4.3 Participantes

Inicialmente pensava-se em eleger como universo empírico, todos os dezesseis adolescentes com idade entre 13 e 15 anos acolhidos na instituição, porém apenas um dos adolescentes ficaria impossibilitado de participar devido à limitação intelectual e deficiência auditiva.

Anterior a aplicação dos instrumentos da pesquisa, foi explicado aos adolescentes todas as etapas que eles teriam que fazer dando a eles a possibilidade de não participarem e deixando-os livres para decidirem. Explicou-se também que seus nomes seriam fictícios, preservando seu anonimato.

No entanto essa pesquisa aconteceu somente com oito dos quinze adolescentes, e tiveram seus nome substituídos por nomes fictícios. Os demais alegaram não se sentirem a vontade para falar, não saberem desenhar, ou não demonstraram interesse pela atividade.

“Ahh, tia, eu tenho vergonha de falar e também não sei desenhar, mas a senhora faz os outros meninos” (Marcos).

Os participantes indicados que puderam realizar a pesquisa constam da Tabela 1, na sequência.

Tabela 1

Participantes da pesquisa

	Nome Fictício	Idade	Número de instituições que já morou	Tempo de Acolhimento
1	Osmar	13 anos	01	1 ano e 09 meses
2	Pedro	13 anos	02	07 meses
3	Julio	14 anos	02	1 ano e 07 meses
4	Lauro	14 anos	03	1 ano e 04 meses
5	Rafael	15 anos	01	1 ano e 06 meses
6	George	15 anos	01	06 meses
7	Igor	15 anos	02	1 ano e 03 meses
8	Anderson	15 anos	01	2 anos e 11 meses

4.4 Instrumento

Os instrumentos utilizados nessa pesquisa foram: diário de campo, entrevista semi-estruturada e o Poema dos Desejos.

4.5 Poemas dos desejos

A aplicação do Poema dos Desejos ou *Wish Poems* é um instrumento desenvolvido por Sanoff (1995), que consiste em uma dinâmica de grupo em que solicita-se aos participantes que descrevam verbalmente ou por meio de desenhos suas necessidades, sentimentos e desejos em relação ao ambiente analisado a partir de uma frase aberta do tipo: *Eu gostaria que o ambiente do abrigo...*

Foram disponibilizados papel, canetas, lápis de cor e etc., para complementação da frase que constitui este instrumento. Foi orientado para os adolescentes que não tivessem

preocupação com rimas ou desenhos elaborados, porém que falassem sobre a realidade da instituição. Logo após solicitou-se aos participantes que apresentassem de forma espontânea seu poema, desenho, discurso, entre outras, e o explicasse para o pesquisador.

Rheingantz et al. (2009) recomenda que na aplicação desse instrumento deve-se anotar e identificar com a maior fidelidade possível as observações e explicações de cada participante relacionadas com seus desenhos e significados. O Poema dos Desejos é considerado um instrumento de grande utilidade para aprofundar o conhecimento e a compreensão dos valores, emoções, afetos, simbolismos presentes nas interações pessoa-ambiente, além de ter importância e significado sócio-histórico-cultural para os diferentes grupos de usuários (Rheingantz et al., 2009).

A tabulação das respostas permitiu a criação de categorias que sintetizaram informações semelhantes.

4.6 Entrevistas Semi-estruturadas

A entrevista com perguntas abertas levaram em conta o embasamento teórico da investigação e as informações que já havíamos recolhido sobre a instituição. A entrevista foi uma forma de se obter informações sobre como os adolescentes representam o significado de acolhimento em suas práticas individuais. E complementaram as informações colhidas através das observações participante e do Poema dos desejos.

Segundo o autor Triviños (1987) a entrevista semi-estruturada favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações .

Um ponto importante que o autor se refere, é à necessidade de perguntas básicas e principais para atingir o objetivo da pesquisa, em que para Triviños (1987) serve como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante.

Diante disso, o roteiro da entrevista foi constituído em quatro partes de forma que pudéssemos adaptar a medida que se dava o desenvolvimento de cada conversa. (ver Apêndice A). Como os sentimentos de empatia já estavam sendo fortalecidos durante as visitas semanais, as entrevistas ocorreram de forma tranquila, havendo uma boa troca de informações.

4.7 Procedimento para coleta de dados

Anterior ao contato com os adolescentes estivemos na instituição, ocasião em que realizou-se a apresentação e a solicitação para o aval da realização deste trabalho. Posteriormente firmado acordo com a instituição durante dois meses e meio, duas vezes na semana em turnos alternados, incluindo os fins de semana, estivemos presente em contato direto com os adolescentes e utilizamos variados instrumentos lúdicos e didáticos para se estabelecer uma relação de empatia com eles.

Com a realização do estudo qualitativo a pesquisa nos permitiu trabalhar com o universo de significados, onde ela teve o papel de entender qual o significado que o acolhimento institucional tem para os adolescentes institucionalizados, e tentou buscar a compreensão de sua realidade, aprofundando assim, o universo dos significados, ações e relações humanas que eles estabelecem nesse local (Minayo, 1996).

Para a compreensão do sentido que a pesquisa qualitativa tem, foi fundamental estarmos presente em campo com os pesquisados, vendo e escutando seus depoimentos sobre suas vivências, opiniões e sentimentos sobre o lugar onde vivem. A princípio os adolescentes

sentiram-se um pouco retraídos, fazendo com que nas primeiras observações não soubessemos como proceder. À medida que fomos estabelecendo vínculos com os adolescentes, participando de suas conversas, as observações começaram a fluir naturalmente.

Spink (2008) nos fala que ser um pesquisador no cotidiano se caracteriza frequentemente por conversas espontâneas e encontros situados. “A própria convivência, nas suas variadas formas, implica escolha de caminhos para ter ‘acesso’ às pessoas, locais e informações, inclusive quando o/a pesquisador/a faz uma pesquisa na sua própria cotidianidade” (Spink, 2008, pp. 72-73).

Com a utilização da etnografia, essa abordagem nos aproximou dos participantes da pesquisa, pois esse método procura antes de tudo compreender, aproximar o que está distante, tornando familiar o que é estranho, pois não julga e nem condena e permite o cruzamento de diversos pontos de vista sobre o objeto, tornando-se mais clara a complexidade das práticas e revelando sua densidade (Beaud & Weber, 2007). Entende-se, pois que a etnografia, como também outras pesquisas qualitativas, buscam a inserção no contexto natural para acessar às experiências, aos comportamentos, às interações e aos documentos para assim compreender a dinâmica do grupo estudado. Dessa maneira, foi possível observar, conhecer e entender as relações que existem entre os adolescentes e o seu entorno.

Dando sequência a coleta de dados, aplicamos primeiramente o Poema dos Desejos, em seguida foi realizada as entrevistas semi-estruturada garantido-lhes que todas as informações seriam em sigilo e utilizada apenas para esta pesquisa.

4.8 Observação Participante

A observação participante foi a principal técnica para a produção dos dados etnográficos desta pesquisa: me possibilitou um contato pessoal com os adolescentes, podendo assim, conhecer a rotina e o acompanhamento de suas experiências diárias. A observação participante é um dos meios mais utilizados pelo ser humano para conhecer e compreender as pessoas, as coisas, os acontecimentos e as situações, ela constitui um elemento fundamental para a pesquisa, principalmente no estudo qualitativo, porque segundo Richardson (1999) está presente desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, ou seja, ela desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. Ela também possibilita captar uma variedade de situações às quais não se teria acesso por meio de perguntas realizadas na entrevista.

De acordo com Flick (2005), a observação participante centra-se, essencialmente, nas interações entre os participantes, nas situações cotidianas que ocorrem e no entendimento da natureza humana, sendo esta uma técnica que prevê a permanência prolongada do investigador no contexto que pretende estudar.

Com intuito de investigar as observações feitas, foi constituída um diário de campo, que era escrito logo após a saída da instituição. O recurso do diário de campo é fundamental no contexto da observação participante, pois garante o registro dos aspectos observados relevantes para a investigação (Flick, 2005).

4.9 Procedimentos Éticos

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, e por se preservar pelos princípios éticos no que diz respeito quanto a dignidade e autonomia dos participantes, esse estudo está pautado na Resolução CNS/MS 466/12, do Conselho Nacional de Saúde e do ao

Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069, 1990) que dispõe sobre as diretrizes que regulamentam as pesquisas envolvendo seres humanos. Esta pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza (Parecer de n. 1.843.092)

O consentimento informado ocorreu durante o primeiro contato com a instituição, após o esclarecimento de todas as informações acerca do projeto. Tais cuidados dizem respeito, sobretudo, ao fato de que os participantes da pesquisa se encontram afastados do convívio familiar por decisão judicial e em situação de acolhimento institucional. Desse modo, são representados pelo Estado, através da guarda provisória concedida aos dirigentes das entidades que os acolhem, doando-lhes autonomia da aprovação da pesquisa. Após a Carta de Anuência assinada pela instituição (anexo F), deu início a pesquisa, explicando aos participantes o objetivo da pesquisa, a natureza voluntária do estudo, a não existência de recompensa material pela participação e a autonomia do adolescente em participar ou recusar, ou mesmo desistir ao longo do processo, mantendo sempre o anonimato.

Este estudo teve como principal benefício compreender melhor a prática, o funcionamento dos serviços e a influência que essas instituições de acolhimento podem exercer na vida desses adolescentes, bem como contribuir para que o mesmo possa refletir sobre sua permanência na instituição, evitando assim, novas rupturas de vínculos, e assegurando que o direito à convivência familiar e comunitária desses adolescentes institucionalizados possa ser efetivado. Neste sentido, espera-se ampliar os trabalhos nesta área específica do conhecimento.

4.10 Procedimentos de Análise de Dados

Nessa dissertação foi utilizada a Análise Temática de Conteúdo de Bardin para o tratamento dos dados. Ela visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado

tema. Bardin (2011) esclarece que essa metodologia consiste em um conjunto de técnicas capaz de realizar análise de comunicações utilizando procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Ele é um método capaz de produzir sentidos e significados nas diversas amostragens de pesquisas utilizadas. Para a aplicação coerente desse método, a autora fala que a análise de conteúdo deve ter como ponto de partida e organizar-se em três pólos: 1. a pré-análise; 2. a exploração do material; e, por fim, 3. o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação (Bardin, 2011).

A pré-análise consiste na sistematização, na qual o pesquisador conduz as operações sucessivas de análise, ou seja, a escolha dos documentos a serem submetidos a estudo como também a formulação de hipóteses para a elaboração de indicadores e interpretação final.

Já a exploração corresponde à codificação do material produzido juntamente com o registro minucioso e a construção da categorização do conteúdo. Defende também que o processo de categorização é relevante por ser responsável pelo fornecimento simplificado dos dados brutos.

O terceiro e último pólo é o tratamento dos resultados que consiste na interpretação e sistematização dos dados com os objetivos do estudo.

O procedimento da análise se deu a partir da identificação de eixos temáticos, previamente estabelecidos a partir de uma primeira leitura de modo que os recortes das falas foram selecionados de acordo com esses eixos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo descreveremos o campo a partir da observação participante para apresentar o contexto da instituição e posteriormente os resultados da pesquisa, bem como discutiremos os principais temas emergentes dos dois instrumentos: poema dos desejos e entrevistas semi-estruturadas.

5.1 Estrutura física da instituição

Ao entrarmos na instituição de acolhimento, tivemos, de início, uma agradável lembrança de quando a pesquisadora trabalhava com esse público. Podemos observar através das visitas realizadas algumas características da instituição: portão de alumínio cinza que facilita a entrada, seguido por um portão de grade preta fechada com cadeado que mantinha os adolescentes impossibilitados de evadir e seguros. As paredes da área de lazer, contígua a entrada, pintadas e decoradas com plaquinhas feita de material reciclado, CD's, com nome e data de aniversário de cada adolescente acolhido, além de um espaço com mesas e cadeiras de plástico e uma outra mesa de Totó, que é um jogo inspirado no futebol, que consiste em manipular bonecos presos, possibilitando *jogar futebol* numa mesa. O bebedouro e os copos com identificação ficam na mesma área, uma forma de não precisarem ir à cozinha.

Existe uma janela de madeira grande, situada na parede oposta à porta da sala que permite a entrada de ar, deixando o ambiente mais agradável. Da grade preta, verificamos logo à frente algumas cadeiras e banco de madeira, onde os adolescentes ficavam sentados assistindo filme na TV. Mais perto da porta, um sofá revestido por um tecido marrom permitia acomodar mais adolescentes.

Seguindo mais a frente, encontramos outra mesa de madeira grande, pesada, que

serve para realizar as refeições diárias. Do lado esquerdo da sala, uma grade preta que se mantém fechada dá acesso à cozinha, onde somente é permitido a entrada dos funcionários. Logo a frente do lado direito havia um quarto vazio com um banheiro que era usado durante o dia pelos adolescentes.

Do corredor avistamos mais dois cômodos, o primeiro cômodo localiza-se a sala da coordenação, onde existe uma mesa com computador e impressora, um quadro de avisos semanais com data de marcações de consultas, passeios e reuniões. Esta sala é mantida fechada e acessível apenas à equipe técnica.

No outro cômodo, encontramos o espaço de estudo, onde estão disponíveis duas mesas de plásticos e cadeiras ao redor, três estantes, onde eram guardadas as mochilas da escola e alguns livros. Do lado oposto das estantes existe uma mesa com um computador sem uso. Na outra parede percebemos algumas apropriações: uma árvore grande pintada, quadros coloridos feito pelos adolescentes e um ventilador.

Há uma escada que dá acesso ao andar de cima, local onde ficam dois quartos com guarda roupas embutidos de madeira e três beliches em cada um, onde dorme parte dos adolescentes e espaço para colchões que são colocados à noite para os demais. Neste andar existe também um banheiro, cujo uso só é permitido na hora do repouso, após o almoço, e à noite na hora de dormir.

Atrás da casa, na parte externa, existe uma área aberta utilizada como lavanderia e para estender as roupas, onde é um espaço pouco utilizado pelos adolescentes para realizarem atividades de lazer.

Foi nesse contexto onde, duas vezes por semana durante dois meses e meio, observamos a dinâmica da instituição. Dando sequência, seguiremos descrevendo as observações realizadas durante as visitas a partir do diário de campo.

5.2 Diário de Campo

As conversas realizadas durante a observação-participante que, a princípio, nos pareciam vagas, acabaram mostrando questões relevantes que passaram a fazer sentido quando associadas aos dados coletados nas demais técnicas.

Após os primeiros contatos, telefônicos e presenciais, firmamos acordo com a instituição, e marcamos a primeira visita para começar os estudos em campo. Apesar de termos experiência em trabalhar com adolescentes institucionalizados, nosso olhar não foi como profissional de psicologia, mas sim, como pesquisadoras em busca de conhecimentos e interessadas em aprofundar os estudos sobre a relação pessoa – ambiente, a partir da ótica dos objetivos propostos.

Durante a realização do trabalho de campo frequentamos a instituição duas vezes na semana em turnos alternados, incluindo os finais de semana, com visitas de duração variável, entre quatro e seis horas. Todas as situações observadas foram avaliadas como relevantes para responder as perguntas da pesquisa.

As conversas cotidianas com os adolescentes permitiram posicioná-los como personagens principais na construção desse trabalho. A integração na instituição como pesquisadora implicou nossa participação em diversas atividades, auxiliando os adolescentes em suas rotinas e conversando com eles sobre assuntos de seu interesse – projeto de vida, sonhos, gostos –, ocasião em que foi possível analisar os relacionamentos entre os adolescentes e entre eles e os educadores e a equipe de profissionais. Observamos os adolescentes durante a realização das mais diversas atividades: refeições, saída e chegada da escola, descanso, brincadeiras, entre outros.

Ao iniciarmos a primeira visita, Maria, nome fictício, coordenadora da instituição nos recepcionou e falou sobre a melhor maneira de abordar os adolescentes, de forma a deixá-los

à vontade para se aproximarem e saber responder as diversas perguntas que poderiam fazer sobre nós. Ela explicou que alguns meninos gostam de interagir, conversar, enquanto outros são tímidos e reservados quando se fala de sua vida familiar. Conversou também sobre nossa pretensão de realizar as visitas de pesquisa, mas também de participar de momentos importantes que eles vivenciam.

Aqui apareciam muitos estudantes querendo fazer trabalho da faculdade, mas eles vinham pra cá, faziam o que tinha que fazer e depois não retornavam e deixavam os meninos sem saber o porquê deles não aparecerem mais... eles se apegam muito rápido as pessoas. (Maria)

Foram com essas dicas em mente que fomos tendo um maior contato com os adolescentes, construindo uma relação de amizade e elaborando uma percepção mais aprofundada da realidade vivenciada na Instituição.

Fomos apresentada aos técnicos que fazem parte da equipe. O psicólogo lamentou não poder acompanhar de perto nossas visitas, pois ele dá suporte a duas outras instituições que fazem parte da ONG já apresentada, a qual a instituição é vinculada. A assistente social fez a mesma lamentação, pois estava tendo que participar de audiências no fórum e realizando visitas domiciliares em outros municípios, onde alguns adolescentes residiam.

No dia da primeira visita, fomos abordadas por um dos adolescentes, perguntando se iríamos fazer um trabalho com eles na instituição. Aproveitamos a oportunidade e pedimos para ele nos apresentar a estrutura física e ao mesmo tempo em que explicávamos como seria o nosso trabalho. Dois outros adolescentes se aproximaram e resolveram nos acompanhar. Ao subir as escadas, fomos abordada por um educador social que explicou que os quartos ficam trancados durante o dia e que iria pegar as chaves para abrir os quartos.

Feito isso, um dos adolescentes que nos guiava na apresentação dos cômodos, mostrava tudo nos mínimos detalhes: “Tia aqui é o quarto onde durmo. Eu durmo embaixo e o Igor dorme em cima” (Osmar). O adolescente Pedro querendo se fazer presente nesta apresentação, solicitou que fossemos ao outro quarto para também mostrar o lugar onde dorme: “Tia vem olhar o quarto onde durmo também, eu durmo no beliche de cima, é bem melhor” (Pedro).

Continuamos dessa forma em relação aos demais cômodos. Depois disso, fomos chamada pela tia Maria para nos apresentarmos aos demais adolescentes. Um deles perguntou se sabíamos fazer origami, afirmamos que não, mas que achávamos lindo as obras que se fazia com papel. Foi então, que ele nos convidou para sentarmos no chão da sala, e nos ensinar a fazer origami. Sentamos, dobramos, amassamos, erramos, tentamos de novo e de novo, até conseguirmos acertar.

A maioria dos adolescentes parecia estar acostumada a receber estudantes, pois conversava amigavelmente sobre suas atividades diárias, sua família e suas passagens por outras instituições. Durante o tempo em que visitamos a instituição alguns deles demonstraram suas preferências de amizade, andando sempre junto, participando das mesmas brincadeiras e ajudando nas necessidades mútuas.

Em se tratando da relação afetiva entre eles e os educadores, observamos que alguns tem apego e intimidade com os educadores, enquanto outros preferem se manter quietos e mais distantes. Os educadores são bastante participativos na vida dos adolescentes, são eles os responsáveis para buscá-los na escola, levarem para consultas médicas e passeios. Interagem em momentos em que assistem filmes e jogam dominó, uno, cartas etc.

Durante a observação, percebemos que os adolescentes seguem sua rotina diária de forma tranquila. Às sete da manhã aqueles que não estudam neste período são acordados para o café e, se necessário, fazem a tarefa escolar ou ficam assistindo televisão. Os demais

acordam mais cedo para ir à escola. Às 11:30 o educador começa a chamar para tomar banho e almoçar, pois a aula da tarde inicia às 13:30. Os adolescentes que não estudam em tempo integral chegam para o almoço. Antes de todos sentarem à mesa, é feita uma oração de agradecimento.

Na hora do banho eles utilizam o banheiro do quarto de baixo, pois durante o dia os quartos de cima permanecem fechado, como foi dito anteriormente.

Depois que se arrumam para a escola, é hora do almoço: eles devem pegar seu prato feito na porta da cozinha, e se dirigirem à mesa grande da sala de jantar. Depois do almoço, todos são levados para os quartos de cima, onde permanecem até às 15:00 para descansar. Todos saem dos quartos e se dirigem para a mesa da refeição para fazerem o lanche da tarde.

Quanto à alimentação os cardápios são definidos semanalmente pela coordenadora de acordo com o que é fornecido para a Instituição. A coordenadora sempre se faz presente nas refeições. Os adolescentes fazem seis refeições diárias- café da manhã, lanche, almoço, lanche da tarde, jantar e lanche da noite. Comem um pouco de tudo, dependendo do horário que varia desde de carne, frango, frutas, legumes, bolachas, sucos e iogurtes, e podem repetir caso queiram.

Dando sequência à rotina, ao terminarem o lanche da tarde, alguns se dirigem para a sala para assistir televisão, outros vão brincar na área de lazer ou se arrumam para o treino de futebol do qual participam duas vezes por semana na escola onde estudam. Às 18:30 é servido o jantar e ficam acordados até às 21:00, quando é servido a última refeição do dia antes de se dirigirem para os quartos para dormir. Nos fins de semana e no período das férias, seguem uma rotina mais flexível.

A arrumação e limpeza dos cômodos são de responsabilidade do profissional de serviço geral, com a colaboração dos adolescentes. Uma escala de limpeza indica dois adolescentes como responsáveis pela rotina diária. Percebemos também que algumas roupas,

sapatos, brinquedos e até mesmo materiais escolares são compartilhados. Porém cada um tem um cantinho pequeno no guarda roupa, onde podem guardar peças individuais que ganham de seus familiares quando os visitam.

A instituição recebe muitas visitas de religiosas e de estagiários de serviço social. Três senhoras comparecem todas as terças-feiras para ensinar os adolescentes a tocar um instrumento feito com materiais recicláveis e realizam uma roda de conversa, onde vários temas são discutidos em forma de brincadeiras e por meio de dinâmicas. Durante essa atividade observamos o envolvimento e descontração dos adolescentes com a música e brincadeiras. Fomos muitas vezes convidada para participar desta roda facilitando assim, nossa relação de empatia e de convivência.

Durante o tempo que permanecemos na instituição, presenciamos uma visita de uma mãe de um dos adolescentes. Nos chamou muita atenção o comportamento de espera do adolescente. A ansiedade, o nervosismo, a inquietação eram expressos em seu rosto aguardando a chegada de sua mãe, que veio duas horas mais tarde que o horário combinado. O adolescente ficava de um canto para o outro, enchia os olhos de lágrimas, perguntava as horas ao educador, sentava, tentava se entreter, mas sua expressão facial o acusava. Ao abrir o portão o adolescente correu ao encontro da mãe, segurou sua mão e a levou até onde estávamos e depois seguiu para a sala da coordenação. Naquele dia vimos no rosto daquele adolescente o sorriso mais encantador. Alguns minutos depois, ele retornou segurando um saco plástico o qual continha sabonete, cuecas, blusas, bermudas, presentes que havia ganhado de sua mãe.

Sua alegria foi tão expressiva que nos contagiou. Sua mãe foi convidada para almoçar com todos na mesa, e ao realizarem como de costume a oração de agradecimento, um dos adolescentes mencionou a presença da mãe de seu amigo, reforçando o quanto sua visita o havia deixado feliz e expressou que esses momentos poderiam se repetir mais vezes. Por fim

encerramos a oração e todos sentaram à mesa.

Tendo apresentado os espaços e a rotina, podemos constatar que são poucos os espaços que os adolescentes podem usufruir ao longo da sua permanência na instituição, porém alguns passeios e atividades lúdicas fora da instituição de acolhimento são realizadas periodicamente, como uma forma dele interagirem com a comunidade local. Todavia a convivência na instituição é tranquila e harmoniosa, facilitando o estabelecimento de vínculos entre eles.

6.3 Participantes da Pesquisa

Após as descrições será feito um breve relato pessoal de cada um dos adolescentes que participaram do instrumental poema dos desejos e da entrevista semiestruturada.

Adolescente Osmar:

Osmar, 13 anos, está há um ano e nove meses na instituição e cursa o 4^a ano. É sua primeira entrada. Veio de sua cidade natal Santana do Acaraú-CE, por lá não ter instituições de acolhimento. Sua mãe é presidiária e seu pai alcoolista. Por cometer alguns vandalismos pela cidade e por se encontrar em situação de risco pessoal e social foi encaminhado para a instituição de Fortaleza.

Ao ser acolhido na Instituição demonstrou um pouco de revolta e agressividade, vindo a ter alguns problemas com os outros adolescentes. Atualmente relata gostar da instituição e da equipe técnica. Diz ter amigos, porém poucos. É mandão, como argumenta um educador social, mas muito participativo nas atividades diárias da instituição.

O adolescente é um dos poucos que recebe ligação de alguém da família, sua irmã que vem mostrando interesse em cuidar dele e protegê-lo. Demonstra o desejo de voltar para casa, pois confia na liberação de sua mãe da cadeia.

Foi o primeiro adolescente a nos receber sendo bastante comunicativo e interessado em colaborar no desenvolvimento da pesquisa. Durante a entrevista, Osmar respondia as perguntas que lhes eram feitas, de uma forma tranquila, porém demonstrava particular interesse em saber mais sobre minha universidade, onde eu morava, entre outras coisas, interrompendo por algumas vezes a entrevista. Fez questão de mostrar suas habilidades em fazer origami, convidando-nos a dobrar os papéis e construir um vaso.

Adolescente Pedro:

Pedro é um adolescente tímido, fala baixo e bastante quieto, tem 13 anos e veio de Quixeramobim-Ce. Cursa o 4^a ano e essa é a sua segunda instituição de acolhimento, por sofrer negligência familiar. Suas irmãs também encontram-se acolhidas, porém em sua cidade natal. Argumenta não estar na mesma instituição que elas devido as várias evações realizadas, vindo a ser transferido para a instituição pesquisada, por ser mais segura. Sua mãe tem a saúde mental comprometida, vindo a ser impossibilitada de trabalhar, sendo beneficiária do BPC (Benefício de Prestação Continuada). Seu pai já falecido sempre foi muito ausente e pouco participativo. Pedro tem acompanhamento do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), fazendo uso de medicamentos.

Por sua mãe se encontrar impossibilitada de cuidar e por não ter família extensa que possa assumir esta responsabilidade, o Juiz determinou a suspensão do poder familiar de sua genitora.

Pedro pouco respondeu as perguntas feita pela pesquisadora, e sempre se mantendo de cabeça baixa. Afirma ter desejo de sair da instituição, vindo a pensar na possibilidade de evasão. Diz ter amigos, porém gostava mais dos amigos que moravam perto de sua casa. Mas relata gostar de estar perto dos educadores e de fazer origamis. Pedro é o único que se encontra acolhido há pouco tempo.

Adolescente Júlio:

Júlio tem 14 anos, cursa o 8º ano, é o mais velho de dois irmãos, porém o único que se encontra institucionalizado, pois é filho de uma outra relação de sua mãe, não tendo família extensa para cuidar dele. Seu pai é um ex presidiário, vindo a falecer tempos depois de sua soltura. Sua mãe negligente e bastante ausente, também faleceu tempo depois de seu pai. Júlio encontrava-se morando na rua e realizando pequenos furtos, sendo acolhido em uma instituição de sua cidade.

Um ano depois foi transferido para instituição atual devido a sua idade limite permitida na instituição de sua cidade. Júlio é um adolescente ativo, conversa com todos, brinca e adora dançar. Gosta de ir para escola, porém tem dificuldade em algumas disciplinas. Fala de seus planos futuros e o desejo de ser dançarino. Tem o desejo de ser ir morar com um tio, em que é o único parente encontrado durante as visitas da Assistente Social.

Gosta de morar na instituição e se sente feliz em ter alguém para cuidar dele. Sabe que já fez muitas coisas erradas, mas que agora quer terminar seus estudos e trabalhar. Diz sentir saudade de seus irmãos, mas sabe que eles estão com a família deles sendo bem cuidados. Respondeu a todas as perguntas de uma forma leve, e ciente de que iria contribuir para a pesquisa, porém preferiu resumir suas respostas, pelo fato de não querer falar muito sobre sua vida.

Adolescente Lauro:

Adolescente de 14 anos, natural de Fortaleza-CE, e em seu terceiro acolhimento, cursa o 4º ano. Lauro veio junto com seu irmão mais novo. Eles são amáveis, tranquilos, educados, e bastante carinhosos com seus amigos e educadores. Vem de uma família com histórico de uso de drogas e violência doméstica. Sua mãe não sabe direito quem é o pai de

Lauro, por ter tido vários companheiros em curto período de tempo. Já realizou algumas visitas na instituição, mas nunca demonstrou interesse em tirar seus filhos da instituição, relata em algumas de suas visitas, que seus filhos estão melhor na instituição do que se estivesse vivendo com ela, pois não tem casa própria e nem emprego, vindo a ter ajuda somente de amigos para se alimentar.

Lauro demonstra ter um amor incondicional por sua mãe, se mostra muito confiante em voltar a viver com ela, com seu irmão e com seu outro irmão, ainda bebê que sua mãe acabara de ter. Na entrevista se mostra compreensível diante da situação de sua mãe, entendendo que no momento o melhor é estar morando na instituição. Lauro carrega várias histórias de institucionalização, porém afirma se sentir bem em morar na atual, apesar de ter sentido muita diferença em relação as outras em que já viveu. Diz que tem amigos, porém acha ruim quando tem que se transferir devido a sua idade, pois acaba perdendo contato com muitos deles.

Adolescente Rafael:

Adolescente de 15 anos, natural da cidade Jardim- Ce. No momento não está estudando devido à várias evasões da instituição e por ter passado muitos anos fora da escola. Por decisão Judicial achou-se necessário seu retorno a escola depois de realizar tratamento no CAPS- AD, pois Rafael é dependente de álcool, vindo a passar vários dias na rua bebendo e causando alguns problemas por onde andava.

Rafael não tem notícias de seu pai há muito tempo e diz sempre ter morado com sua mãe, mas que sua mãe encontra-se sem casa para morar, pois esta desempregada e morando de “favor” na casa de amigos. Ao iniciarmos a entrevista, o adolescente demonstrava ser rebelde, revoltado e com muita dificuldade em aceitar as normas da instituição, evitando realizar os hábitos normais de higiene pessoal, tais como: banho, escovar os dentes, trocar de

roupa, etc. Vindo a causar desconforto aos demais adolescentes.

Diz não gostar de morar na instituição e de não ter muitos amigos, porém gosta de conversar com os educadores, por achar os adolescentes infantis e com conversas bestas.

Adolescente George:

Adolescente diz ter 15 anos, e natural de Recife-PE, porém foi encontrado sem certidão de nascimento e perambulando na rua, vendendo seus trabalhos artesanais feito de palha de coqueiro como meio de sobrevivência. George é bastante comunicativo, porém não sabe dizer ao certo onde sua mãe se encontra, pois, segundo ele, sua mãe e seu pai o deixava na praia para vender seus artesanatos e depois voltavam para buscá-lo, sendo que nunca mais apareceram para pegá-lo.

O adolescente foi acompanhado pela equipe até a casa onde residia com seus pais, porém ninguém encontrava-se lá. Segundo os vizinhos, eles já haviam ido embora. George se mostra bastante participativo nas atividades da instituição, adora jogar futebol e fazer trabalhos artesanais. Passou alguns anos sem frequentar a escola, porém sente empolgado em voltar ano que vem. Diz estar esperando sua mãe aparecer, no entanto não mostra interesse em ver seu pai. Alega não sentir saudade dele.

Respondeu com uma certa dificuldade a entrevista, por não gostar de tocar no assunto que diz respeito a sua família. Já se sente habituado na instituição e gosta de ensinar os amigos a fazer artesanais com a palha de coqueiro e origami. Gosta de conversar com os educadores, pois segundo ele, aprende muitas coisas.

Adolescente Igor:

Adolescente de 15 anos, cursa o 6º ano, está na sua segunda instituição, tendo sido transferido por ter atingido a faixa limite da instituição anterior. Foi destituído do poder

familiar, em decorrência de sua mãe ser usuária de drogas e ser órfão de pai. Não tem contato com sua mãe há algum tempo, porém recebe visitas de um tio materno, onde demonstra interesse em cuidá-lo.

O processo de desligamento já foi solicitado, uma vez que o ECA diz que a liberdade, o respeito, a dignidade e a convivência familiar e comunitária são imprescindíveis para a integridade física, psicológica e moral dos adolescentes.

Igor é um adolescente extrovertido, adora cantar e assistir filmes. Gosta de desenhar e escrever cartas. Se sente feliz toda vez que fala da possibilidade de morar com seu tio, pois para ele é um meio de ficar mais perto de sua família. Sabe que viver em instituições é necessário por um tempo, porém ficar próximo de quem ama não tem preço.

O adolescente respondeu às perguntas, mas também quis falar de questões sobre fatores relacionados à justiça e seu retorno para sua família. Ele é atencioso, educado, atende as normas da instituição e ajuda os amigos quando solicitado.

Adolescente Anderson:

Adolescente de 15 anos, cursa o 4º ano. Natural de Bacabau-MA, porém residia em Fortaleza há um tempo. Mora na instituição há dois anos e onze meses, e é o mais antigo da instituição. Já foi destituído do poder familiar, por ter uma família com histórico de tráfico de droga e negligência familiar.

Anderson é calmo, atencioso, esforçado e muito prestativo. Ajuda nos afazeres da casa mesmo que não seja solicitado e sonha em ser jogador de futebol. Participa do time de futebol da escola e sempre acompanha o seu time favorito (Flamengo) pela televisão. Adora fazer origami e ensinar os demais adolescentes. Diz está acostumado em morar na instituição e não ter problema na convivência. Gosta dos educadores e dos adolescentes.

Durante a entrevista se mostrou calmo, participativo e bastante comunicativo. Diz gostar de receber as pessoas na instituição, pois segundo ele é uma forma de interagir com elas.

6 APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS

6.1 Poema dos Desejos

O Poema dos Desejos foi a primeira técnica em grupo a ser utilizada. Antes de aplicá-lo decidimos realizar um bingo com direito a brindes, pipoca e refrigerante de forma a estabelecer um bom *rappor*t com os adolescentes. Durante a brincadeira eles se mostraram eufóricos e satisfeitos. Realizamos três partidas de bingo e ao percebermos que os adolescentes estavam ficando dispersos e menos participativos, sugerimos a atividade seguinte, que se constituiu na aplicação do Poema dos Desejos.

Explicamos aos adolescentes que eles deveriam expressar seus desejos e suas vontades a partir de desenhos ou poemas complementando a seguinte frase: *Eu gostaria que o ambiente do abrigo...* . À medida que o adolescente apresentava seu poema para o grupo, anotávamos com a maior fidelidade possível as observações e explicações dada por eles.

Esta técnica possibilitou ampla liberdade para a manifestação de cada participante, fornecendo informações e ideias que foram relevantes para a compreensão de nosso objeto de estudo (Rheingantz et al., 2009).

A partir de suas respostas foram identificados três desejos principais: *a construção de um campo de futebol, ampliação do espaço de lazer, sala de estudos com computadores e internet.*

6.2 Construção de um campo de futebol

Nessa primeira categoria, alguns desenhos (veja anexo A) feito pelos adolescentes demonstraram o desejo de uma construção de um campo de futebol. No entanto a instituição de acolhimento dispõe somente de uma área pequena, coberta e com pouco espaço para

atividades lúdicas.

Tia eu desenhei um campo de futebol, porque é o que está faltando aqui...Eu sonho em ser jogador de futebol, por mim jogava todos os dias, mas aqui no abrigo o espaço é pequeno demais e atrapalha os outros meninos que estão fazendo outras coisas. A senhora precisa ver eu jogando no time da escola. Esse ano nós perdemos, mas no próximo iremos jogar melhor. (Anderson)

Eu também desenhei um campo de futebol... Aqui tem bola pra gente jogar, mas não pode jogar sempre, porque o espaço é pequeno e fica aqui na parte coberta. Mas a tia Maria sempre deixa a gente jogar, só que não dá pra correr muito atrás da bola. Eu jogo no time da escola e duas vezes na semana vou pra lá jogar com os meninos da minha turma. (Lauro)

Sabe-se que o futebol é uma atividade social muito apreciada pelos adolescentes. É uma das modalidades esportivas mais praticadas no Brasil. Nos dias atuais os adolescentes são influenciados pela mídia que divulgam que jogadores de futebol recebem salários altos, permitindo-os usufruir de boas condições de vida, levando os adolescentes a sonharem com esta ocupação.

É importante propiciar aos adolescentes institucionalizados, conhecimento e treino em ocupações que possam seguir após seu desligamento da instituição. Vale ressaltar que não basta apenas acolher esses adolescentes. Há necessidade de desenvolver neles responsabilidades e de os preparar para autonomia antes de chegarem à maioridade, pois frequentemente a permanência do acolhido é por um longo período de tempo, fazendo com que a instituição se torne o lugar onde podem treinar suas habilidades e iniciar a construção

do seu projeto de vida.

O lazer é considerado como um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuem para mudanças de ordem moral e cultural, possibilitando, como reivindicação social, o resgate da cidadania por meio da participação cultural, que é entendida como uma das bases para a mudança da sociedade, mudança em busca da instauração de uma nova ordem social e cultural. Marcellino (2000).

No quintal daria para construir um campo de futebol, porque aqui nessa área não tem espaço para jogar e lá no quintal ninguém usa aquele espaço. Acho que até os educadores jogariam com a gente. (Rafael)

Uma mesa de sinuca desse lado e um campo para jogar futebol bem aqui desse outro lado, ficaria muito bom para todo mundo. Aqui quase todos gostam de jogar bola. Na escola sempre jogo na hora do intervalo. (Pedro)

Estas falas mostram a necessidade e importância de um ambiente estruturado e a oferta de espaços de interação e atividades lúdicas para o desenvolvimento do adolescente, pois a instituição constitui um espaço fundamental para o estabelecimento de sua relação com o mundo e com as pessoas, propiciando a formação de uma vida social, moral, psicológica e cultural. Marcellino.(2000)

6.3 Ampliação do espaço de lazer

As respostas dadas pelos desenhos de dois adolescentes revelaram o interesse prioritário em obter estrutura física mais adequada e o desejo de ampliar o espaço de lazer.

Acho que aqui poderia ser um pouco maior, ter mais espaço, porque a casa vive cheia de adolescente e cada um gosta de uma coisa... Eu gosto de fazer origami, e assistir televisão, aqueles ali gostam de jogar bola, os outros de ouvir música e dançar.
(George)

O abrigo que eu estava morando é bem maior que esse, lá sempre tinha oficina pra gente aprender a fazer alguma coisa. Como não tem muito espaço então a gente acaba assistindo muito filme que as tias traz pra gente assistir na sala. Mas eu gosto daqui porque os tios e as tias são legais, e eles sempre trazem um jogo pra gente brincar também. (Igor)

As falas acima denotam, de uma parte, a necessidade de uma estrutura física mais ampla, que possa abrigar não somente um lugar para jogar futebol, mas uma maior diversidade de atividades de lazer. Como foi possível perceber em campo, os acolhidos contam apenas com um área muito exígua para atividades lúdicas – uma espécie de corredor lateral coberto, equivalente a menos da metade do comprimento da casa- instituição. Não há condições que todos os 16 acolhidos desfrutem desta área ao mesmo tempo.

O documento Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento para Criança e Adolescente (2008), determinam que as entidades devem elaborar um projeto político-pedagógico que vise qualidade no serviço prestado, contemplando os seguintes aspectos: Infra-estrutura física que garanta espaços privados e adequados ao desenvolvimento da criança e do adolescente (com espaço físico aconchegante e seguro, com arquitetura semelhante ao de residências, localizando-se em áreas residenciais, visando, assim, a preservação da privacidade e individualidade, com espaços específicos para guardar os

objetos pessoais, devendo ser evitado o uso coletivo de roupas e demais artigos de uso pessoal. Recomenda-se ainda que, em cada quarto, sejam acolhidas até 4 crianças/adolescentes, não ultrapassando 6 por quarto), entre outros.

Bronfenbrenner (1990) reforça que os adolescentes precisam interagir efetivamente com outras pessoas, objetos, símbolos e com o meio externo e, para isso, a instituição precisa fornecer recursos necessários para o enfrentamento de eventos negativos que possam surgir, oferecendo meios para minimizar o sofrimento e investindo em seu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo.

A grande contribuição da Psicologia Ambiental para o desenvolvimento do adolescente é a evidência de que os aspectos físicos ambientais influenciam o modo como as pessoas, adolescentes e adultos, sentem, pensam e se comportam em um determinado contexto ambiental. Campos-de-Carvalho, M. & Souza, T. N. (2008).

Com efeito, o lazer se torna fundamental para o desenvolvimento do adolescente, pois auxilia tanto no físico quanto no social, proporcionando alívio das tensões individuais devido a eventuais problemas vivenciados por eles. Sabe-se que o corpo do adolescente é marcado por muitas transformações tanto físicas, hormonais, quanto comportamentais e psicológicas. Nesse período, o lazer é importante para a integração e metabolização destas novas forças que serão melhor assimiladas por meio das relações que se estabelecem entre iguais e entre eles e outras pessoas, favorecendo seu equilíbrio emocional. Marcellino.(2000)

6.4 Sala de estudos com computadores e internet

Esse desejo evidencia a insatisfação dos adolescentes com a impossibilidade de usarem os computadores, pois, como foi possível constatar estão quebrados e segundo eles esta situação já perdura há algum tempo.

Às vezes tem tarefa da escola para fazer e precisa pesquisar no computador, aí a gente tem que pedir para a tia Maria para olhar no computador da sala dela. Ela sempre deixa a gente usar. (Júlio)

Lá na escola tem sala de computação e eu aprendi a usar, mas aqui no abrigo o computador não funciona, a tia Maria já chamou um homem pra vir aqui para consertar, mas nunca deu certo. (Osmar)

O computador nos dias atuais tornou-se um equipamento essencial tanto para o aprendizado quanto para o lazer. E, em uma instituição que carece de espaço e de atividades de recreação, ele poderia ser uma alternativa para suprir boa parte das necessidades de ocupação dos adolescentes, sendo que a instituição também pode dispor de serviços disponíveis na comunidade, visando manter uma relação de condições favoráveis ao processo de desenvolvimento peculiar do adolescente.

Todavia, apesar da falta deste tipo de recursos, é importante ressaltar, que a qualidade do ambiente não diz respeito apenas a suas características físicas, pois todo contexto ambiental é um sistema de inter-relações de componentes de várias dimensões tanto físicos quanto psicológicas e sociais, econômicas, culturais etc. Haja vista a fala de um adolescente que comprove esse fato.

Aqui só ta faltando um espaço maior para jogar bola e os computadores voltarem a funcionar, porque o resto já me acostumei, eu aprendi a gostar do abrigo, porque sei que aqui tem o que preciso. (Anderson)

Na verdade nossa experiência em campo, nos permite dizer que apesar de os adolescentes serem capazes de perceber as carências que a instituição apresenta, eles não deixam de ter uma percepção do ambiente como estável e seguro, uma percepção do todo, confirmando assim o primeiro pressuposto da psicologia ambiental que diz que o “ambiente é experienciado por um campo unitário e a experiência é holística” (Ittelson et al., 2005, p. 12). Com efeito, os adolescentes vivenciam a instituição como um todo, principalmente porque ela é o *setting* de sua vida diária, o lugar onde vivenciam experiências repetitivas e convivem com pessoas familiares. Existe uma relação afetiva evidente entre eles e a instituição que constitui-se como lugar para esses adolescentes.

Alguns autores não consideram a institucionalização como um ambiente adequado para o acolhimento, como por exemplo Teixeira (2009) que refere que dificilmente as instituições conseguem proporcionar um ambiente estável e seguro, como também para Carvalho, citado por Siqueira & Dell’Aglia (2006) que insiste em dizer que um ambiente vivido nas instituições não é adequado para o desenvolvimento, podendo ser desfavorável. Segundo este autor o atendimento padronizado, o grande número de crianças e adolescentes sob responsabilidade de um único cuidador, a escassez de atividades planejadas e a fragilidade das redes de apoio social são alguns dos aspectos relacionados aos prejuízos que a vivência institucional pode operar no indivíduo (Carvalho, 2002).

Certamente esta visão pode ser verdadeira em algumas instituições, todavia não foi a que se percebeu naquela na qual pesquisamos, uma vez que detectamos relações afetivas positivas entre os acolhidos e vinculação em relação à instituição e aos educadores sociais. Portanto não é possível generalizar.

6.5 Entrevista Semi-estruturada

A entrevista semi-estrutura seguiu um roteiro com linguagem clara e de fácil compreensão. As respostas dada pelos adolescentes em princípio pareciam tímidas e curtas, fazendo com que buscasse mais respostas na observação participante que era realizada durante as visitas ao campo.

No momento da entrevista procuramos estar atenta as respostas dos participantes, e bastante solícita para tirar qualquer dúvida caso houvesse. Os sentimentos de empatia e confiança eram necessários, porém os adolescentes se mostraram tímidos, falando baixo e com respostas curtas, dificultando assim o diálogo, e impossibilitando uma maior troca de informações.

As perguntas destinaram-se a entender como se caracterizava a rotina e como eles percebiam o espaço físico da instituição; buscou ainda conhecer suas percepções sobre o processo de institucionalização e os vínculos afetivos existentes entre eles e entre eles e os educadores sociais.

Nessa perspectiva foi necessário considerar relevante e dar maior visibilidade ao processo de análise dos trechos de conversas dos adolescentes com as pesquisadoras durante as visitas, afim de uma melhor compreensão dialógica e reflexiva.

A transcrição cuidadosa destas conversas e das entrevistas e sua leitura possibilitaram uma melhor compreensão e permitiram realizar uma análise de conteúdo sob a ótica de Bardin (2009). Algumas categorias temáticas foram previamente estabelecidas com o auxílio da observação – participante, visando responder aos objetivos do presente estudo, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 1

Análise das Categorias Temáticas

<i>TEMAS</i>	<i>CATEGORIAS</i>	<i>SUB-CATEGORIAS</i>
-Ambiente institucional para o adolescente	- Espaço físico - Normas/ regras	-Rotina - Lazer
-Relação afetiva entre os adolescentes e entre os adolescentes e educadores sociais	- Processo de vínculos afetivos	- Amizade - Segurança - Apego
-Percepções dos adolescentes sobre a entrada na instituição	- Impacto emocional	- Sentimentos/Reações -Adaptação - Evasão
Casa ou Instituição de acolhimento	- O significado de instituição de acolhimento	-Proteção/segurança -Vínculo com o lugar -Abrigo

6.6 Ambiente institucional para o adolescente

Durante a entrevista e a observação participante, percebeu-se que a vida cotidiana dos adolescentes institucionalizados é, geralmente, controlada e organizada por meio de regras. A cada turno dois educadores seguem um cronograma de atividades diárias e se dividem para dar suporte a todos.

Tia, aqui tem hora pra tudo, hora de comer, hora de dormir, hora de tomar banho. A gente tem que subir para os quartos todo dia depois do almoço, para o descanso, mesmo que eu não esteja com sono. Só nos fins de semana que as regras são mais livres. (Lauro)

Quando os adolescentes chegam à instituição, os técnicos explicam todas as regras, para que a sua integração seja a menos problemática possível. Alguns adolescentes associam

as regras à disciplina e responsabilidade e as percebem com potencial para o crescimento pessoal.

Desde o dia que entrei aqui sempre existiu regras, alguns meninos até precisam disso porque alguns são muito danados e bagunceiros. As regras servem para todo mundo né, tia? (Pedro)

Acho que todos os abrigos são assim. Porque também são muitos meninos morando aqui. Se não for assim, os educadores não vão conseguir dar conta e todos irão fazer o que quiser. (George)

Os adolescentes ressaltaram que ao cumprirem as regras, eles têm uma compensação em atividades recreativas como assistir televisão, ouvir música e jogar.

No outro abrigo também era assim, a gente tinha hora pra tudo, até pra assistir televisão; aqui a gente pode assistir televisão, ouvir musica e brincar, mas na hora de fazer as coisas que a tia manda, tem que cumprir. (Júlio)

Não acho ruim, mas tento fazer tudo rápido para não perder os filmes que passa na televisão. A gente pode ir para a televisão, mas na condição de respeitar os funcionários e não brigar com os amigos. (Anderson)

No entanto, alguns se mostraram incomodados e resistentes em cumprir as regras. Em geral são aqueles que já apresentavam problemas de conduta antes da institucionalização,

pois seu ambiente familiar era cercado por desobediência, estresse e conflitos. De uma forma geral, as regras se tornam necessárias a fim de facilitar e manter a organização da vida cotidiana da instituição.

Eu sempre dou trabalho para fazer as coisas, às vezes levanto da cama na marra para ir para escola e sempre esqueço de arrumar a cama. Mas a tia sempre fica no meu pé... Osmar já levantou? Osmar já arrumou a cama? Osmar já limpou a sala? (risos).
(Osmar)

É chato...são muitas regras, não posso sair de casa, e se for sair tem que ser com algum educador, tenho horário pra tudo ... na minha casa eu não fazia essas coisas que tenho que fazer aqui, é muito diferente, tem muitas regras. (Rafael)

A única regra que não gosto é no dia da minha limpeza do abrigo e no dia das provas da escola que tenho que ficar na sala de estudo com a tia me ensinando, mas sempre acabo fazendo tudo. (Igor)

A reflexão sobre os efeitos que as normas e regras causam nos adolescentes institucionalizados nos leva também a analisarmos as características das instituições que funcionam de forma fechada e com normas muito rígidas.

Goffman (1961) adota o termo *Instituições Totais* para designar “um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (p.11). Horários rigidamente estipulados, ausência de liberdade e privacidade individual, ausência de contacto com o exterior etc. Neste sentido, é

importante compreendermos que existem instituições de acolhimento que têm estas características e, por isso mesmo, provocam efeitos prejudiciais que poderão comprometer o bem-estar e desenvolvimento dos acolhidos.

Sousa (2013) considera que o papel das instituições de acolhimento de adolescentes é o de preparar para a vida cotidiana, assim como estabelecer ligações e estruturas, o mais aproximado possível de um ambiente familiar.

A instituição estudada adota as regras de forma positiva, como um meio de promover a aprendizagem e adquirir responsabilidade necessárias para uma vida estável, para que os adolescentes possam desenvolver física, moral e intelectualmente, como também para preparar sua inserção posterior na sociedade. Isso se confirma na própria fala dos adolescentes.

6.7 Percepções dos adolescentes sobre a entrada na instituição

A institucionalização pode ser vivida como uma experiência dolorosa, uma vez que provoca a ruptura com o ambiente conhecido, exige adaptações sucessivas e fornece relações descontínuas e dificuldades na construção dos afetos e de identidade própria (Teixeira, 2009).

Durante as conversas com os adolescentes, eles relataram como foi sua chegada na instituição e como se sentem atualmente. Apesar de a maioria já ter passado por outros abrigos, eles expressaram o impacto emocional que sentiram ao chegar a instituição.

Foi uma mudança radical, porque eu não sabia como era ir para um abrigo, porque antes de vir pra cá eu passava a maior parte do tempo na rua, quando entrei aqui fiquei triste, nervoso e só pensava em fugir. Demorei para me acostumar com o abrigo. (Osmar)

Vim transferido pra cá. Quando cheguei aqui não conhecia ninguém, não sabia quem morava aqui. Me senti perdido, ficava quieto, calado e só observava os outros meninos. (Pedro)

Tia, quando entrei aqui estava muito triste. Os primeiros dias foram estranhos, chorava e pedia para ir embora, mas a tia Maria e os educadores conversavam muito comigo. (Anderson)

Apesar de serem recebidos com boas vindas e acolhidos pela equipe, a chegada a instituição parece ter sido muito difícil. Aliás, qualquer mudança de domicílio, nos primeiros dias, causa estranhamento, tristeza, angústia, medo do novo, desejo de ir embora etc. Daí ser compreensivo as tentativas de fuga de muitos deles e a dificuldade de adaptação, pois é um período marcado por um contexto novo, desconhecido, com padrões de funcionamento diferentes da família em que estavam inseridos e até mesmo das outras instituições de onde viveram.

Eu vim pra cá com meu irmão, eu só brincava e conversava com ele. O tio Paulo apresentou os meninos pra mim e meu irmão, me mostrou o quarto que iria ficar. No início não gostava daqui porque o outro abrigo que eu morava era misto, e a gente conhecia mais gente. (Lauro)

Quando cheguei aqui pedia para tia Maria para ir embora, eu brigava com todo mundo, ela (Maria) sempre falava que não era pra eu fazer isso, Eu já fugi várias vezes, mas sempre me encontraram e eu sempre voltava pra cá. Hoje já estou

acostumado em morar aqui. (Rafael)

Logo que entrei aqui, o Psicólogo me chamou para a sala da tia Maria e explicou algumas coisas, no começo eu ficava zangado, os educadores conversavam comigo e aí, fui fazendo amizade com os meninos. Depois melhorei. (Júlio)

Para além disto, Yunes, Miranda, e Cuello (2004) entendem que a chegada a uma nova instituição implica para os adolescentes a separação do ambiente conhecido e vários sentimentos de perda, angústia e, muitas vezes, um intenso sentimento de culpa e necessidade de recuperar o ambiente perdido. Em suma, os adolescentes são duplamente vítimas, uma vez que, para além de serem retirados de seu contexto e afastados das relações que conhecem, são obrigados a entrar num ambiente desconhecido e a experienciar a ruptura com sentimentos negativos (Teixeira, 2009).

Todavia, as entrevistas mostraram que a equipe da instituição ciente destas dificuldades, procura dar um acolhimento específico nestes momentos aos adolescentes, chamando-os em particular, apresentando-os aos demais, orientando-os no momento de sua entrada, fazendo com que esse ambiente se torne um lugar de consolo, de bem-estar e de segurança.

Quando cheguei eu estava chorando, o tio Paulo (educador social) pediu para todos falarem seus nomes, depois o tio me levou para o quarto, conversou um pouco comigo, nunca tinha ido para um abrigo. (George)

No início foi estranho, porque estava acostumado com o outro abrigo que morava. Eu sempre falava que ia fugir daqui, porque queria voltar para o outro abrigo. A tia Maria

sempre conversava comigo e me chamava para brincar com os meninos. (Igor).

6.8 Relação afetiva entre os adolescentes e entre os adolescentes e educadores sociais

Os adolescentes relataram nas entrevistas que se sentem protegidos e seguros na instituição e que têm uma relação de afeto com os educadores sociais e com os outros adolescentes institucionalizados.

A equipe de educadores e técnicos se tornam essenciais para os adolescentes nesse processo de adaptação, principalmente em situações de estresse e manifestações emocionais. Para os adolescentes que vivem nessas instituições de acolhimento, as pessoas com as quais eles convivem passam a integrar a equipe e fazem da instituição o ambiente principal do adolescente (Siqueira, Betts, & Dell’Aglío, 2006; Yunes et al., 2004). Nesta perspectiva os adolescentes percebem os educadores como parte significativa do ambiente, noção esta que está de acordo com a teoria da psicologia ambiental.

Quando estou sentado fazendo Origami, o tio Pedro (educador) gosta de sentar do meu lado e ficar conversando enquanto vou fazendo os origamis (...) A gente conversa de tudo. (George)

Quando tem alguma coisa para conversar chamo a tia Maria, ela sempre escuta a gente. Às vezes na hora do descanso eu fico acordado ouvindo música no celular do Tio. (Igor)

Os educadores são as pessoas que passam a maior parte do tempo com os adolescentes e são eles que se tornam referência e sinalizadores das reações e

comportamentos de angústia, ansiedade que os adolescentes manifestam. Com a convivência, os educadores acabam tornando parceiros dos adolescentes e dividindo conhecimento, construindo assim, laços afetivos satisfatórios e saudáveis. Pois são eles quem orientam e protegem os adolescentes (Siqueira & Dell’Aglío, 2006).

Essas relações que são construídas com o tempo na instituição parecem ser o grande suporte para os adolescentes, uma vez que interferem não só em sua qualidade de vida e bem-estar atual, mas também na construção do seu desenvolvimento (Faria, Salgueiro, Trigo, & Alberto, 2008).

Desta forma, é essencial que na instituição existam figuras significativas, com as quais os adolescentes se identifiquem e se sintam seguros. Segundo Silva (2016) a conversação é o meio pelo qual os indivíduos apreendem as normas, os costumes, as condutas da sociedade em que se encontram inseridos.

Questionados sobre as interações estabelecidas com os educadores da instituição e o que mais se identifica, constatou-se que o educador que compartilha das brincadeiras é frequentemente eleito como figura significativa deste contexto.

No outro abrigo que eu morava tinha mais amigos, porque era misto, mas eu gosto também do pessoal daqui. O Tio Paulo é o educador que mais gosto, porque ele joga com a gente, até assiste filme na sala com a gente. (Lauro)

A tia Cris (educadora) sempre traz um jogo pra gente nos fins de semana do plantão dela, na última vez foi um bingo, ela trouxe até chilitos como brinde (...). todo mundo gosta dela. (Júlio)

Aqui tenho muitos amigos, o Paulo e a tia Cris são os educadores que mais gosto.

Eles sempre trazem da rua papel do totolec para gente não ficar sem fazer origami, eles são os educadores que mais converso, eles são legais. (Pedro)

As experiências vividas dentro da instituição entre os adolescentes e seus pares também são determinantes para um suporte emocional, influenciando de forma positiva na maneira de ser, de sentir e de agir. Na instituição, considera relevante os adolescentes se identificarem com os outros adolescentes e estabelecerem um grau de empatia, partilhando experiências, convivência e por muitas vezes confiança (Faria et al., 2008).

Tenho amigos aqui. O menino que morava aqui, mas já foi transferido que me ensinou a fazer origami, aí eu ensinei os outros. Eu e o Lauro já fizemos alguns. A tia Maria colocou lá na sala dela. (Anderson)

Alguns meninos são meus amigos, só que muitos acabam sendo transferidos para outro abrigo, aí a gente acaba encontrando com eles de novo só nos eventos que tem no abrigo. (Rafael)

Os meninos daqui são todos legais, converso e brinco com eles. A tia Maria sempre fala que eu sou o cabeça do grupo do abrigo...(risos). (Osmar)

Em uma pesquisa realizada por França (2010), afirma que para garantir que essas instituições opere efetivamente como um espaço de proteção, requer que se dê especial atenção à qualidade do vínculo entre os adolescentes e os educadores e entre eles. “Uma das tarefas fundamentais no âmbito da entidade de acolhimento, senão a mais fundamental delas, é a de possibilitar o estabelecimento desse vínculo que permitirá o adolescente se sentir

confiante e seguro” (França, 2010). No olhar da psicologia ambiental o ambiente institucional pode se tornar um lugar de interações estáveis e afetuosa, tanto nas relações dos educadores com os adolescentes quanto nas relações dos adolescentes entre si.

6.9 Casa ou instituição de acolhimento?

Ao serem questionados sobre o que a instituição significa para eles, os adolescentes responderam que a instituição é uma casa, isto é, um lugar para dormir, comer e viver protegido e seguro. Por meio de suas falas, observa-se que casa, para os adolescentes, é um lugar onde podem satisfazer suas necessidades básicas de alimentação, descanso e sono. Reflete o *local que serve para abrigar* dando a noção de uma dimensão física deste espaço.

Eu aprendi a gostar daqui, é o lugar onde eu moro, onde tenho comida, lugar pra dormir, amigos e os tios para cuidar da gente. (Osmar)

Já faz um tempo que estou aqui e o abrigo sempre foi uma casa pra mim, porque sempre aprendi a gostar daqui. Todos me ajudam quando preciso. (Anderson)

Pra mim aqui é uma casa, uma casa que mora várias pessoas como se fosse nossa família, uma casa que dá segurança pra gente. (Pedro)

Já andei em tantos abrigos que nem sei mais...pra mim todos são uma casa, só muda os educadores e os meninos, esse já é o terceiro abrigo que estou, acho que é uma casa que a gente mora né? (Lauro)

Todavia, observa-se que casa para eles, também, significa um lugar onde tem pessoas que cuidam deles e exercem a função de proteção, um lugar seguro, um lugar de relações, de vínculos afetivos com os quais podem contar.

Nesta perspectiva, o significado da casa ultrapassa as condições físicas de satisfação ambiental, ela apresenta características de vínculo com o lugar, que somente serão entendidas a partir das experiências pessoais de cada um, sejam elas relacionadas ao sentimento de segurança, de bem-estar ou de valor simbólico (Elali & Medeiros, 2011; Giuliani, 2004).

Todavia, para alguns adolescentes a instituição é diferente de casa, da casa onde vivia com sua família.

Não vejo o abrigo como uma casa, vejo como um abrigo mesmo, porque na nossa casa, a gente tá junto com a nossa família. Aqui é onde protege e mantém a gente em segurança. (Júlio)

Pra mim aqui é um abrigo que abriga a gente. É um lugar que recebe adolescentes que não tem onde ficar e que cuida da gente. Casa pra mim é onde eu morava com minha família. (Igor)

Tia, estou aqui no abrigo só por um tempo, aqui será passageiro. Quando sair daqui vou para minha casa, morar com minha família e ficar perto de meus primos. (George)

Aqui é uma prisão, lá na minha casa eu saía e voltava a hora que quisesse, minha mãe nem via eu voltando da rua. O Juiz não deixa mais eu sair nem para a escola. Eu fugia para beber na rua com o pessoal que encontrava nas praças. (Rafael).

Estas falas que fazem distinção entre casa e instituição parecem encontrar explicação no que Scardua (2011) compreende como casa: a casa como parte significativa daquilo que nos distingue dos demais, nossas crenças, atitudes e valores, pois é ela que nos oferece um espaço de reconhecimento da nossa identidade.

Embora os adolescentes institucionalizados tragam expectativas para o ambiente que podem influenciar seu modo de usar o espaço, se movimentar e até mesmo se sentir em relação a ele, a institucionalização pode proporcionar um espaço seguro e protetivo, possibilitando acolhimento e relações satisfatórias, mesmo que esteja relacionada a sofrimento e rompimentos familiares (Siqueira et al., 2006).

As instituições de acolhimento constituem, portanto, um equipamento fundamental para resposta aos adolescentes do que seria casa, perante a situação que vivenciaram, pois constituem um contexto essencial na promoção da segurança, assim como em recursos necessários à reorganização do novo projeto de vida dos adolescentes (Coutinho & Sani, 2010).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desenvolvimento desta pesquisa entendemos que o acolhimento institucional é uma medida de proteção, de caráter provisório e excepcional e que depois da promulgação do ECA, muitas instituições tiveram que reformular tanto o espaço físico quanto o funcionamento de atendimento.

Com isso, percebeu-se, no entanto, que mesmo com as dificuldades apresentada pelos adolescentes da instituição pesquisada, o afeto por parte deles em relação ao ambiente institucional contribuiu para a percepção do acolhimento, bem como favoreceu um convívio adequado.

Percebeu-se também a forma como a instituição lida com a situação de acolhimento institucional, principalmente no que se refere ao tratamento dos educadores sociais para com os adolescentes. Foi com o teor das respostas dos adolescentes pesquisados que evidenciou-se a figura do educador social como sendo o elemento fundamental para promover o bem-estar no processo de permanência do adolescente na instituição, vindo a tornar um lugar seguro, possibilitando ainda a construção de um projeto de vida, e na forma como o adolescente se percebe como pertencente a instituição.

O trabalho evidenciou descobertas e respostas interessantes e consistentes em relação ao significado de acolhimento institucional para os adolescentes, explicitados por meio de conceitos da psicologia ambiental, tais como vínculo afetivo com o lugar ou apego ao lugar, experiências vividas com o lugar, apropriação, entre outros.

Evidenciou ainda que tanto a dimensão física do ambiente quanto a dimensão psicológica (vínculos afetivos) são importantes para o bem-estar dos adolescentes, isso nos

permite dizer que outras pesquisas a partir do referencial teórico da psicologia ambiental nos possibilitará um maior aprofundamento sobre o tema da institucionalização.

Contudo é importante destacar a necessidade de uma qualificação continuada dos profissionais com o propósito de melhorar cada vez mais o atendimento para com esses adolescentes e de elaborar um plano de ações, que contemple uma formação de qualidade com a realidade experimentada por eles.

As principais respostas encontradas quanto ao significado do acolhimento atribuído pelos adolescentes, se diferem em alguns pontos, porém o sentimento de proteção e segurança é demonstrado por todos, mesmo que suas experiências institucionais sejam diversas. Enquanto para alguns o lugar é cheio de normas, regras e com pouco espaço para brincar, para outros é um ambiente em que se tem onde dormir, comer e que dá apoio quando necessário.

A realidade narrada pelos adolescentes revela ainda é que a instituição deve ser contemplada com equipamentos capazes de promover um ambiente que permita superar as perdas e garantir a eliminação do risco e do perigo, para um bom desenvolvimento da autonomia.

Muitas reflexões, dúvidas e angústias surgiram durante o processo da pesquisa, onde algumas perguntas foram respondidas, outras tantas ainda estão em processo de amadurecimento e muitas me impulsionam em buscar mais respostas. Relatos, vivências e observações durante as minhas visitas e as inúmeras histórias de vida dos adolescentes foram transformadores, momento em que percebi que mesmo diante de tantas falas e de tantas escutas, os adolescentes demonstram afeto pela instituição, independentemente de sua estrutura física.

Porém sabe-se que há muito o que conhecer sobre o universo do acolhimento institucional e um longo caminho a percorrer para conseguir que um dia os adolescentes possam ter de VERDADE garantido o direito que o ECA preconiza.

Este trabalho também buscou mostrar estratégias de multimétodos na coleta de dados como uma maneira de agregar disciplinas, teorias e métodos, afim de integrar experiências diferenciadas e refletir sobre a multiplicidade de campos de conhecimento envolvidos nos estudos pessoa-ambiente.

Resalta também a importância da etnografia, em que foi existencial para essa pesquisa, pois esse método procura obter histórias de vida dos participantes, bem como ricos depoimentos sobre as questões que investiga. Para assumir esse método foi preciso reconhecer as subjetividades envolvidas, já que a possibilidade de realizar uma boa etnografia está diretamente ligada à capacidade de inter-relacionar as subjetividades do pesquisador e do participante.

Este trabalho não é conclusivo, serviu sobretudo para mostrar as possibilidades de conhecimento que os conceitos da psicologia ambiental abordados – apropriação, espaço e lugar, vínculo ao lugar etc. – bem como mostrar que o tema muito se tem para discutir e refletir no contexto da psicologia ambiental.

Apesar da investigação não ter tido como foco os processos jurídicos referentes aos adolescentes, como sugestão para uma pesquisa futura, pensamos em destacar alguns caminhos que ainda podem ser pesquisados, por exemplo:

- Os vínculos afetivos tendo se mostrado fundamentais no processo de institucionalização, evidenciaram também que a demora dos processos jurídicos, prejudicam o reestabelecimento dos vínculos familiares.

- Um olhar sobre os processos jurídicos de forma a melhor compreender o objetivo da transferência contínua dos adolescentes, pois há prejuízo ao estabelecimento de vínculos afetivos.
- A questão da estrutura física com um olhar mais denso da psicologia ambiental, pois diante do que se preconiza nos documentos oficiais da institucionalização, muito se tem que discutir.

REFERÊNCIAS

- Alberto, I. M. (2002). “Como pássaros em gaiolas”? Reflexões em torno da institucionalização de menores em risco. In C. Machado, & R. A. Gonçalves (Coords.), *Violência e vítimas de crimes* (Vol. 2, pp. 223-244). Coimbra: Quarteto.
- Andrade, C. F. (2014). *O significado de casas para moradores de habitações precárias em uma comunidade urbana de Fortaleza-Ce* (Dissertação de mestrado). Universidade de Fortaleza, Fortaleza.
- Ariès, P. (1978). *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro: LCT.
- Baptista, M. V. (2006). Um olhar para a história. In M. V. Baptista (Ed), *Abrigo: Comunidade de acolhida e socioeducação* (pp. 25-38). São Paulo: Instituto Camargo Corrêa.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Beaud, S., & Weber, F. (2007). *Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bock, A. M. B., Gonçalves, M. G. M., & Furtado, O. (2002). *Psicologia sócio-histórica: Uma perspectiva crítica em psicologia* (2a ed.). São Paulo: Cortez.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Campos-de-Carvalho, M. (2004). Psicologia ambiental e do desenvolvimento: O espaço em instituições infantis. In R. S. Guzzo, J. Q. Pinheiro & H. Günther (Orgs.), *Psicologia ambiental: Entendendo as relações do homem com seu ambiente* (pp. 181-196).

Campinas, SP: Editora Alínea.

- Campos-de-Carvalho, M. & Souza, T. N. (2008). *Psicologia Ambiental, Psicologia do Desenvolvimento e Educação Infantil: Integração possível?* Paidéia, 2008, 18(39), 25-40
- Carvalho, A. (2002). Crianças institucionalizadas e desenvolvimento: Possibilidades e desafios. In E. Lordelo, A. Carvalho, & S. H. Koller (Orgs.), *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento* (pp. 19-44). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cavalcante, S., & Elias, T. F. (2011). Apropriação. In S. Cavalcante, & G. Elali (Orgs.), *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis: Vozes.
- Cavalcante, S., & Maciel, R. H. (2008). Métodos de avaliação da percepção ambiental. In J. Q. Pinheiro & H. Günther (Orgs.), *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente* (pp. 149-180). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Conselho Nacional do Ministério Público (2013). *Relatório da Infância e Juventude – Resolução nº 1/2011: Um olhar mais atento aos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes no País*. Brasília: Conselho Nacional do Ministério Público.
- Coutinho, M. J., & Sani, A. I. (2010, Outubro/Dezembro). Casa Abrigo: A solução ou o problema? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(4), 633-641.
- Delgado, P. (2012). A perspectiva ecológica: Referências para a preparação e a cessação da estadia em acolhimento familiar de crianças. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(2), 359-367.
- Elali, G., & Medeiros, S. (2011). Apego ao lugar. In S. Cavalcante, & G. Elali (Orgs.), *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis: Vozes.

- Faria, S., Salgueiro, A. G., Trigo, L. R., & Alberto, I. (2008). As narrativas de adolescentes institucionalizadas: Percepções em torno das vivências de institucionalização. *Atas eletrônicas do Congresso Internacional em Estudos da Criança*, Braga, Portugal.
- Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC.
- França, D. B. (2010). *Do abrigo ao acolhimento: Importância do vínculo nos cuidados institucionais*. Brasília: Instituto Berço da Cidadania.
- Freire, J. C., & Vieira, E. M. (2006). Uma escuta ética de Psicologia Ambiental. *Psicologia & Sociedade*, 18(2), 32-37. Retirado de www.scielo.br.
- Giuliani, M. V. (2004). O lugar do apego nas relações pessoa-ambiente. In E. Tessara, E. Rabinovich, & M. C. Guedes (Orgs), *Psicologia e Ambiente* (pp. 89-106). São Paulo: EDUC.
- Grossman, E. (1998). La adolescencia cruzando los siglos. *Adolescencia Latinoamericana*, 1(1), 68-74.
- Günther, H., & Rozestraten, R. J. A. (2005). Psicologia ambiental: Algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino. *Série Textos de Psicologia Ambiental*, 10, 1- 7.
- Hall, G. S. (1925). *Adolescence: Its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and educations* (Vol. I e II). New York: D. Appleton and Company.
- Hardy, L. (2007). Attachment theory and reactive attachment disorder: Theoretical perspectives and treatment implications. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 20(1), 27-39.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [IPEA]. (2003). *Levantamento Nacional dos*

- Acolhimentos para Crianças e Adolescentes da Rede de Serviço de Ação Continuada (SAC): Relatório de Pesquisa No. 1.* Brasília: IPEA. Retirado de http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/infanciahome_c/acolhimento_institucional/Do_utrina_abrigos/IPEA_Levantamento_Nacional_de_abrigos_para_Criancas_e_Adolescentes_da_Rede_SAC.pdf
- Ittelson, W. H., Proshansky, H. M., Rivlin, L. G., & Winkel, G. H. (2005). Homem ambiental (J. Q. Pinheiro, Trad.). *Série Textos de Psicologia Ambiental*, 14, 1-9.
- Jerônimo, R. N. T., & Gonçalves, T. M. (2013, Abril). Identidade e Personificação do Lugar na Apropriação do Espaço pelos Nativos de Ibiraquera, SC. *Revista de Ciências Humanas*, 47(1), 117-132.
- Lei n. 8.069, de 13 de Julho de 1990 (1990). *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.* São Paulo: Cortez
- Lima, D. M. A., & Bomfim, Z. A. C. (2009). Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. *Psico*, 40(4), 491-497.
- Ludke, M., & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas.* São Paulo: EPU.
- Marcellino, N. C. *Lazer e humanização.* 4. ed. Campinas: Papirus, 2000.
- Marcílio, M. L. (2003). A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil colonial: 1726-1950. In M. C. Freitas (Org.), *História social da infância no Brasil* (5a ed.) São Paulo: Cortez.
- Minayo, M. C. S. (1996). *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde.* São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abraco.

- Minayo, M. C. S. (2001). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Moser, G. (1998). Psicologia ambiental. *Estudos de Psicologia*, 3(1), 121-130.
- Mota, C., & Matos, P. (2008). Adolescência e institucionalização numa perspectiva de vinculação. *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 367-377.
- Mota, C., & Matos, P. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrole. *Análise Psicológica*, 28(XXVIII), 245-254.
- Oliveira, A. P. G. (2006). *O caráter provisório do abrigo e a passagem adolescente: Pensando transitoriedades* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N., & Oliveira, R. V. C. (2004). Risco e Proteção: Em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 135-143.
- Pinheiro, J. Q. (1997). Psicologia Ambiental: A busca de um ambiente melhor. *Estud. Psicol.*, 2(2), 377-398.
- Pinheiro, J., Gunther, H., & Guzzo, R. (2004). Psicologia ambiental: Área emergente ou referencial para um futuro sustentável? In H. Gunther, J. Pinheiro & R. Guzzo (Orgs.), *Psicologia Ambiental: Entendendo as relações do homem com seu ambiente*. São Paulo: Alínea.
- Queiroz, M., & Rizzini, I. (2012). A infância com deficiência institucionalizada e os obstáculos históricos na defesa de seus direitos. *O Social em Questão*, 15(28), 199-220.

Resolução Conjunta CNAS/CONANDA n. 1, de 18 de Junho de 2009 (2009). *Aprova o documento Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes*. Retirado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm

Rheingantz, P., Azevedo, G., Brasileiro, A., Alcantara, D., & Queiroz, M. (2009). *Observando a Qualidade do Lugar: Procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: PROARQ-FAU-UFRJ.

Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: Métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Rivlin, L. G. (2003). Olhando o passado e o futuro - Revedo pressupostos sobre as inter-relações pessoa/ambiente. *Estudos de Psicologia*, 8(2), 215-220.

Rizzini, I., & Pilotti, F. (2009). *A arte de governar crianças: A história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil* (2a ed.). São Paulo: Cortez.

Rizzini, I., & Rizzini, I. (2004). *A institucionalização de crianças no Brasil: Percurso histórico e desafios do presente*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola.

Sanoff, H. (1995). *Creating Environments for Young Children*. Mansfield, Ohio: BookMasters.

Santos, M. (1996). *A natureza do espaço: Técnicas e tempo: razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.

Santos, M. M. S. (2004). As angustias impensáveis e o manejo técnico da clínica: Um estudo de caso. In J. Outeiral (Org.), *Winnicott: Seminário brasileiro* (pp. 420-428). Rio de Janeiro: Revinter.

- Scannell, L., & Gifford, R. (2010). Defining place attachment: A tripartite organizing framework. *Journal of Environmental Psychology*, 30, 1-10.
- Scardua, A. C. (2011). *Os sentidos da felicidade [Blog]*. Retirado de <https://angelitascardua.wordpress.com/sobre-mim-2/>
- Sifuentes, T. R., Dessen, M. A., & Oliveira, M. C. S. L. (2007). Desenvolvimento humano: Desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, 379-385.
- Silva, D. E. B. (2016). *Instituições de acolhimento de crianças e jovens: eliminação ou atenuação do risco e perigo? – O caso do Lar Esperança* (Dissertação de mestrado). Instituto Superior de Serviço Social do Porto, Portugal.
- Silva, E. L. (2014). *Avaliação da Percepção Ambiental de Estudantes do Ensino Médio em Seropédica – RJ* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica.
- Siqueira, A. C. (2006). *Instituição de abrigo, família e rede de apoio social e afetivo em transições ecológicas na adolescência* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Siqueira, A. C., & Dell’Aglío, D. D. (2006). O impacto da Institucionalização na infância e na adolescência: Uma revisão de literatura. *Psicologia e Sociedade*, 18(1), 71-80.
- Siqueira, A. C., & Dell’Aglío, D. D. (2007). Retornando à família de origem: Fatores de risco e proteção no processo de reinserção familiar de uma adolescente institucionalizada. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17(3), 134-146.

- Sommer, R. (1973). *Espaço pessoal, as bases comportamentais de projetos e planejamento*. São Paulo: EPU/ EDUSP. (Trabalho original publicado em 1969).
- Sousa, C. A. (2013). *Um lar, uma família: a voz das instituições que acolhem crianças e jovens* (Dissertação de mestrado). Universidade do Porto, Portugal.
- Speller, G. M. (2005). A importância da vinculação aos lugares. In L. Soczka (Org.), *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental* (pp. 67-89). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sposati, A. (1994). Os desafios da municipalização do atendimento à criança e ao adolescente: O convívio entre a Loas e o ECA. In *Serviço Social e Sociedade* (pp. 104-115). São Paulo: Cortez.
- Sprinthall, N. A., & Collins, W. A. (1999). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista* (2a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Teixeira, C. F. (2009). *O tecer e o crescer – Fios e desafios. Construção identitária em crianças institucionalizadas* (Dissertação de mestrado). Universidade do Porto, Portugal.
- Tuan, Y. (1980). *Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL.
- Tuan, Y.-F. (1983). *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel.
- Valera, S. (1996). Psicología Ambiental: Bases teóricas y epistemológicas. In L. Iñiguez, & E. Pol (Orgs.), *Cognición, representación y apropiación del espacio* (Monografies psico-socio-ambientals, n. 9, pp. 1-1). Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona.

Triviños A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Wiesenfeld, E. (2005). A psicologia ambiental e as diversas realidades humanas. *Psicologia USP*, 16(1/2), 53-69. Retirado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000100008

Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. São Paulo: Imago.

Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C. S. Ortis, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (1999). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.

Yunes, M. A., Miranda, A.T., & Cuello, S. S. (2004). Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizadas. In S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenções no Brasil* (pp. 197-218). São Paulo: Casa do Psicólogo.

ANEXOS

Anexo A**Roteiro de entrevista para os Adolescentes Institucionalizados**

Data: ____/____/____

Horário de início: _____ Horário final: _____

1.1- Idade: _____ Cidade de onde nasceu _____

1.2- Escolaridade: Ensino Médio () Ensino Fundamental () Não Estuda ()

2.1- Você sabe quanto tempo está morando nesse abrigo? Quanto tempo?

() Sim tempo: _____ Não ()

2.2- Você sabe o motivo pelo qual está aqui?

() Sim Não ()

2.3- Qual é o motivo?

2.4- Você gosta de estar aqui ?

() Sim Não ()

2.5- Você já morou em outra unidade de acolhimento?

2.6- Como você se sentiu quando chegou aqui?

2.7- Me fale um pouco da tua experiência de viver no abrigo

2.8- O que o abrigo é para você? Uma casa ou um abrigo?

2.9- Você costuma seguir as regras daqui? O que acha delas?

3.1- Aqui existem pessoas que você mais gosta?

() Sim () Não

3.2- Quem são essas pessoas ?

3.3- Quando você precisa de alguma coisa, ou tem alguma dificuldade, a quem você procura no abrigo?

3.4- Você gosta dos adultos que trabalham aqui no abrigo? Me fale como é sua relação com eles

3.5- Que coisas eles fazem que você gosta?

3.6- Você tem amigos no abrigo? Como é sua relação com eles?

4.1- Me fale um pouco como é um dia seu aqui?(rotina)

4.2- Qual o ambiente daqui que você mais gosta de ficar? Porque?

4.3- Qual o ambiente daqui que você não gostava de ficar ? Porque?

4.4- Você ajuda nos afazeres? Como?

4.5- Você acha que tem boa convivência aqui dentro ? Porque?

Anexo B

Poema dos Desejos

Eu gostaria que o ambiente do abrigo...

Nome:

Idade:

Anexo C

Parecer Consubstanciado do CEP



UNIVERSIDADE DE
FORTALEZA (UNIFOR)
FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O SIGNIFICADO DO ABRIGO PARA ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS

Pesquisador: Lisa Naira Rodrigues de Sousa

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 60422016.2.0000.5052

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.843.092

Apresentação do Projeto:

Meu interesse por essa problemática decorre desde minha trajetória acadêmica no Curso de Psicologia, durante o qual realizei um dos estágios obrigatórios em uma unidade de acolhimento para crianças e adolescentes institucionalizados. Logo após receber o diploma da graduação, fui trabalhar durante cinco anos com adolescentes sob medida protetiva de acolhimento institucional em abrigos de Sobral, cidade do interior do estado do Ceará. Esta experiência fez com que aflorasse em mim o desejo de contribuir para a discussão dessa pesquisa aprofundando os diferentes aspectos da vida destes adolescentes nestas instituições. Por essa razão será citado em alguns momentos o nome crianças, pois o interesse pelo tema é apenas com adolescentes. Sabe-se que a medida de acolhimento institucional ocorre a partir do encaminhamento oficial da Vara da Infância e Juventude ou via Conselho Tutelar: a criança ou o adolescente são afastados de sua família e de sua comunidade, o que pode provocar a fragilização e, em algumas situações, o total rompimento dos vínculos familiares e comunitários. Em alguns casos, eles permanecem nestas instituições por tempo indeterminado. Como integrante do Laboratório de Estudo das Relações

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria
 Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz CEP: 60.811-905
 UF: CE Município: FORTALEZA
 Telefone: (85)3477-3122 Fax: (85)3477-3058 E-mail: coetica@unifor.br



UNIVERSIDADE DE
FORTALEZA (UNIFOR)/
FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ



Continuação do Parecer: 1.043.092

Humano-Ambientais (LERHA), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), pode perceber e compreender que a Psicologia Ambiental (PA), área que se dedica a analisar as inter-relações pessoa/ambiente, pode contribuir para a investigação que me proponho a fazer. A PA estuda, entre outras coisas, como o indivíduo avalia e percebe o setting no qual está inserido e, ao mesmo tempo, como está sendo influenciado pelo ambiente. Por essa razão, é importante refletir sobre o termo ambiente. Este conceito, na PA, designa não somente o espaço físico da instituição onde acontecem as práticas cotidianas, mas o espaço onde se estabelecem interações sócioafetivas entre os adolescentes e a equipe que compõe a instituição. Apesar da existência dessa medida de proteção nas instituições de acolhimento, a permanência do acolhido pode ser por um longo período, tornando a instituição um espaço referencial para o adolescente sendo assim um mediador de comportamentos que desenvolverá durante sua permanência, regulando assim sua atenção, curiosidade, cognição, linguagem e até mesmo suas emoções. Diante disso, o desenvolvimento dessa pesquisa irá possibilitar uma melhor compreensão de qual seria a melhor prática, do ponto de vista do funcionamento dos serviços e a influência que tais instituições de acolhimento podem exercer na vida das crianças e/ou adolescentes.

Objetivo da Pesquisa:

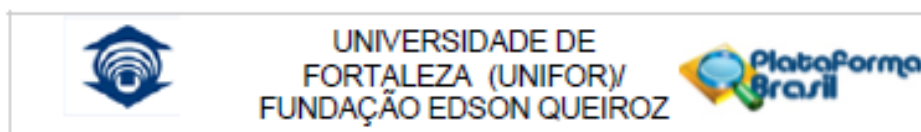
Objetivo Primário:

Investigar o significado do abrigo, enquanto espaço sociofísico, para os adolescentes institucionalizados.

Objetivo Secundário:

1. Descrever a rotina dos adolescentes no ambiente abrigo. 2. Verificar a percepção dos adolescentes em relação ao abrigo. 3. Conhecer os vínculos afetivos entre os adolescentes e entre os adolescentes e os cuidadores do abrigo. 4. Identificar quais os fatores que influenciam na relação afetiva dos adolescentes com o abrigo.

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco de Retoria
Bairro: sala da VRRPG - Edson Queiroz CEP: 60.811-905
UF: CE Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 Fax: (85)3477-3056 E-mail: coeticoa@unifor.br



Continuação do Parecer: 1.043.092

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Com relação aos riscos compreendemos que poderá ocorrer lembranças de eventos negativos e memórias em alguns casos, podendo trazer malestar ao participante durante a entrevista. Para isso, a pesquisadora responsável pelas entrevistas está devidamente preparada para dar apoio e suporte ao participante. E, quando necessário, encaminhá-lo para atendimento na rede de proteção da cidade de Fortaleza-CE, com intuito de garantir seu restabelecimento físico e emocional.

Benefícios:

Este estudo contribuirá para entendermos melhor a prática, o funcionamento dos serviços e a influência que essas instituições de acolhimento podem exercer na vida desses adolescentes. Neste sentido, também ampliarão os trabalhos nesta área específica do conhecimento. Proporcionando uma melhoria na estrutura física para o bem estar dos adolescentes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto deixa claro a sua relevância na pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de Rosto [Folha_de_Rosto_Lisa.pdf](#)

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência

[TCLE_lisa.pdf](#)

[Outros cartaanuencia.pdf](#)

[Cronograma CRONOGRAMA_lisa.pdf](#)

[Outros Instrumentocoletadedados_lisa.pdf](#)

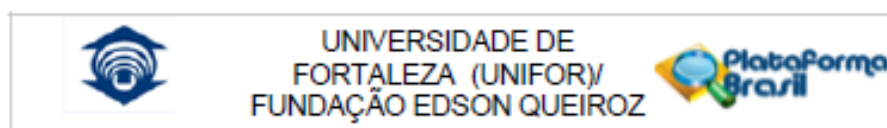
[Projeto Detalhado / Brochura Investigador dissertacao_lisa.pdf](#)

[Outros Instrumentos_coletadedados.pdf](#)

Recomendações:

Após a leitura da versão apresentada, não há recomendações por conta de pendências do projeto de pesquisa analisado.

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco de Reitoria
 Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz CEP: 60.811-905
 UF: CE Município: FORTALEZA
 Telefone: (85)3477-3122 Fax: (85)3477-3056 E-mail: coelica@unifor.br



Continuação do Parecer: 1.043.092

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Colegiado recomenda a Aprovação ao projeto de pesquisa visto atender, na íntegra, as determinações da Resolução CNS/MS 466/12 e diretrizes.

Considerações Finais a critério do CEP:

O colegiado acata o parecer de Aprovação do projeto e esclarece: Apresentação de relatório parcial e final; A pesquisa deve ser desenvolvida conforme delimitada no protocolo aprovado; O CEP deve ser informado dos efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal da pesquisa; Emendas ou modificações ao protocolo de pesquisa devem ser enviadas ao CEP para apreciação ética.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_654719.pdf	16/11/2016 17:39:04		Acelto
Outros	Instrumentos_coletadados.pdf	16/11/2016 17:38:06	Lisa Naira Rodrigues de Sousa	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	dissertacaolisa.pdf	01/11/2016 13:07:23	Lisa Naira Rodrigues de Sousa	Acelto
Outros	Instrumentocoletadados_lisa.pdf	01/11/2016 13:04:17	Lisa Naira Rodrigues de Sousa	Acelto
Cronograma	CRONOGRAMA_lisa.pdf	01/11/2016 12:56:17	Lisa Naira Rodrigues de Sousa	Acelto
Outros	cartaanuencia.pdf	30/08/2016 16:07:18	Lisa Naira Rodrigues de Sousa	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_lisa.pdf	05/04/2016 17:21:21	Lisa Naira Rodrigues de Sousa	Acelto
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Lisa.pdf	20/02/2016 22:44:30	Lisa Naira Rodrigues de Sousa	Acelto

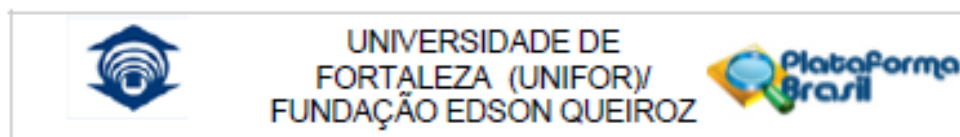
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco de Reitoria
 Bairro: sala de VRRPG - Edson Queiroz CEP: 60.811-905
 UF: CE Município: FORTALEZA
 Telefone: (85)3477-3122 Fax: (85)3477-3056 E-mail: coetica@unifor.br



Continuação do Parecer: 1.043.092

FORTALEZA, 30 de Novembro de 2016

Assinado por:
ALDO ANGELIM DIAS
(Coordenador)

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria
Bairro: sala de VRPPG - Edson Queiroz CEP: 60.811-005
UF: CE Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 Fax: (85)3477-3056 E-mail: coetca@unifor.br

Anexo D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TÍTULO DA PESQUISA: O Significado de Abrigo para Adolescentes Institucionalizados

NOME DO PESQUISADOR: Lisa Naira Rodrigues de Sousa

ENDEREÇO: Rua Dom Delgado, n. 80 Apt.22 Bairro: Edson Queiroz

TELEFONE: (88) 99712-8474 **email:** lisanaira@yahoo.com.br

Prezado(a) Participante,

Você está sendo convidado(a) a autorizar o adolescente dessa instituição a participar desta pesquisa, desenvolvida por Lisa Naira Rodrigues de Sousa, aluna de pós graduação, que irá conhecer a rotina dos adolescentes no ambiente abrigo, bem como conhecer a relação dos adolescentes com os cuidadores do abrigo, identificando os vínculos afetivos entre os adolescentes e entre eles e os profissionais, e por fim conhecer como os adolescentes percebem a vivência no abrigo em relação a sua vivência família. Nós estamos desenvolvendo esta pesquisa porque queremos saber o significado de abrigo, enquanto espaço socio-físico, para os adolescentes institucionalizados.

Assinatura do pesquisador _____

Assinatura do participante _____

1. POR QUE VOCÊ ESTÁ SENDO CONVIDADO A PARTICIPAR?

O convite para a sua participação se deve por considerar a importância de sua fala para essa pesquisa, e por contribuir para entendermos melhor a prática, o funcionamento dos serviços e a influência que essas instituições de acolhimento podem exercer sua na vida como adolescente.

2. COMO SERÁ A MINHA PARTICIPAÇÃO?

Ao participar desta pesquisa, você irá responder um questionário sobre sua vida dentro do abrigo, respondendo algumas perguntas feita pela pesquisadora e com isso estará contribuindo para a conclusão de uma pesquisa importante. Lembramos que a sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia e liberdade para decidir se quer ou não participar. Você pode desistir da sua participação a qualquer momento, mesmo após ter iniciado a entrevista sem nenhum prejuízo para você. Não haverá nenhuma penalização caso você decida não consentir a sua participação, ou desistir dela. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. A qualquer momento, durante a pesquisa ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

3. QUEM SABERÁ SE EU DECIDIR PARTICIPAR?

Somente o pesquisador responsável e sua equipe saberá que você está participando desta pesquisa. Ninguém mais saberá da sua participação. Entretanto, caso você deseje que o seu nome / seu rosto / sua voz ou o nome da sua instituição conste do trabalho final, nós respeitaremos sua decisão. Basta que você marque ao final deste termo a sua opção.

4. GARANTIA DA CONFIDENCIALIDADE E PRIVACIDADE.

Todos os dados e informações que você nos fornecer serão guardados de forma sigilosa.

Garantimos a confidencialidade e a privacidade dos seus dados e das suas informações.

Tudo que você nos fornecer ou que sejam conseguidas pela entrevista, dados pessoais. Os depoimentos serão gravados em áudio e transcritos de maneira que atenda com rigor à sequência natural e imediata das palavras e frases, porém somente será realizada se você autorizar as gravações. Essas gravações será necessário porque o pesquisador terá que fazer as transcrição de sua fala logo depois da entrevista. O material da pesquisa, com os seus dados e informações, será armazenado em local seguro e guardado em arquivo por pelo menos 5 anos após o término da pesquisa. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa.

5. EXISTE ALGUM RISCO SE EU PARTICIPAR?

O(s) procedimento(s) utilizado(s) na pesquisa apresenta um risco de que algumas lembrança de eventos negativos e memórias poderá, em alguns casos, trazer mal-estar a você. Para isso, será reduzido pela pesquisadora responsável que está devidamente preparada para dar apoio e suporte necessário.

6. EXISTE ALGUM BENEFÍCIO SE EU PARTICIPAR?

Os benefícios esperados com a pesquisa são no sentido de contribuir para entendermos melhor a prática, o funcionamento dos serviços e a influência que essas instituições de acolhimento podem exercer na vida dos adolescentes que passam a viver nela. Neste sentido, também ampliarão os trabalhos nesta área específica do conhecimento.

Assinatura do pesquisador_____

Assinatura do participante_____

7. FORMAS DE ASSISTÊNCIA E RESSARCIMENTO DAS DESPESAS.

Se você necessitar de algum encaminhamento por se sentir prejudicado por causa da pesquisa, ou se o pesquisador descobrir que você tem alguma necessidade de encaminhamento para tratamento psicológico, você será encaminhado pela pesquisadora para

atendimento na rede de proteção da cidade de Fortaleza, CE, bem como encaminhar para o Núcleo de Atenção Médica Integrada (NAMI) situado à Rua Desembargador Floriano Benevides, 221- Bairro Edson Queiroz (ao lado do Fórum Clóvis Beviláqua) CEP: 60.811-905, telefone (85) 3477.3611, com intuito de garantir seu restabelecimento físico e emocional. Como resultado encontrado nesta pesquisa, Caso você aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira. No caso de algum gasto resultante da sua participação na pesquisa e dela decorrentes, você será ressarcido, ou seja, o pesquisador responsável cobrirá todas as suas despesas e de seus acompanhantes, quando for o caso, para a sua vinda até o centro de pesquisa.

8. ESCLARECIMENTOS

Se você tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou dos métodos utilizados nela, pode procurar a qualquer momento o pesquisador responsável.

Nome do pesquisador responsável: Lisa Naira Rodrigues de Sousa

Endereço: Rua Dom Delgado, n. 80 Apt.22 Bairro: Edson Queiroz

Telefone para contato: (88) 99712-8474

Horário de atendimento: 9:00 às 11:00 e 14:00 às 17:00

Se você desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa, poderá consultar o Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza. O Comitê de Ética tem como finalidade defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, e tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto, de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Anexo E**Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade de Fortaleza –****COÉTICA**

Av. Washington Soares, 1321, Bloco da Reitoria, Sala da Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 1º andar.

Bairro Edson Queiroz, CEP 60811-341.

Horário de Funcionamento: 08:00hs às 12:00hs e 13:30hs às 18:00hs.

Telefone (85) 3477-3122, Fortaleza-CE.

Assinatura do pesquisador _____

Assinatura do participante _____

9. CONCORDÂNCIA NA PARTICIPAÇÃO

Se você estiver de acordo em participar da pesquisa, deve preencher e assinar este documento, que será elaborado em duas vias: uma via deste Termo ficará com você e a outra ficará com o pesquisador. O participante de pesquisa ou seu representante legal, quando for o caso, deve rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, apondo a sua assinatura na última página do referido Termo. O pesquisador responsável deve, da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

10. USO DE VOZ E/OU IMAGEM

Caso você deseje que seu nome, seu rosto, sua voz ou o nome da sua instituição apareça nos resultados da pesquisa, sem serem anonimizados, marque um dos itens abaixo.

___ Eu desejo que o meu nome conste do trabalho final.

___ Eu desejo que o meu rosto/face conste do trabalho final.

___ Eu desejo que a minha voz conste do trabalho final.

___ Eu desejo que o nome da minha instituição conste do trabalho final.

11. CONSENTIMENTO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, _____, portador(a) da cédula de identidade _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas e esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores. Ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, e não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Fortaleza, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante ou representante legal

Assinatura do pesquisador

Impressão dactiloscópica

Anexo F

Carta de Anuência

Estamos realizando uma pesquisa intitulada: “O Significado do Abrigo para Adolescentes Institucionalizados”. O objetivo principal do estudo é investigar qual o significado do abrigo, enquanto espaço sócio-físico, para os adolescentes Institucionalizados. O estudo prevê a participação de adolescentes entre 12-15 anos, do sexo masculino residentes no abrigo. A coleta de dados deverá acontecer no próprio espaço da Instituição, não sendo necessário o deslocamento dos mesmos para realização da pesquisa.

Os adolescentes participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida em qualquer etapa, sem prejuízo. Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes, bem como da instituição envolvida. Todo o material desta pesquisa ficará sob responsabilidade da pesquisadora responsável.

Dados individuais dos participantes coletados no processo de pesquisa não serão informados à instituição envolvida ou aos familiares, mas haverá uma devolução dos resultados, de forma coletiva, para a Instituição, acredita-se que é de fundamental importância que esta Instituição tome conhecimento da realização desse estudo

Ao mesmo tempo, solicitamos a autorização para que o nome desta instituição possa constar no relatório final, bem como em publicações futuras, sob a forma de artigo científico. Asseguramos que os dados coletados nesta instituição serão utilizados tão somente para a realização deste estudo e mantidos em sigilo absoluto, conforme determina o item III.2 “i” da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Instituição de Acolhimento, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

() Concordo com a solicitação () Não concordo com a solicitação

Diante do exposto, coloco-me à disposição para esclarecimentos adicionais Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza, CE. Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – COÉTICA da Universidade de Fortaleza, localizado na Av. Washington Soares, 1321, Bloco da Reitoria, Sala da Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 1º andar. Bairro Edson Queiroz, CEP 60811-341. Telefone (85) 3477-3122, Fortaleza, Ce.

Fortaleza, _____ de _____ de 2016.

Lisa Naira Rodrigues de Sousa

Sylvia Cavalcante

Coordenadora da Instituição

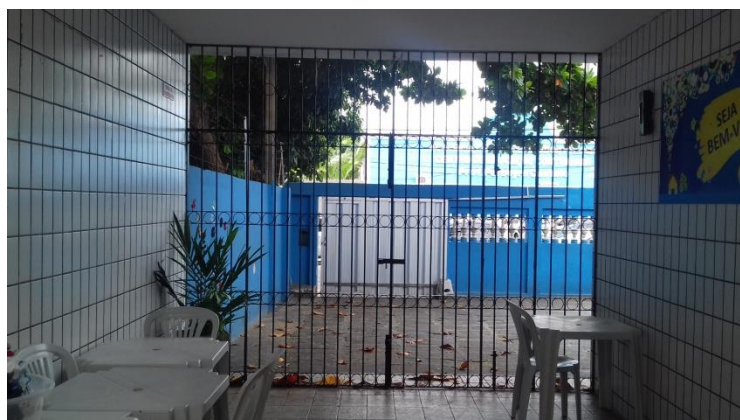
Anexo G

Estrutura Física

ENTRADA

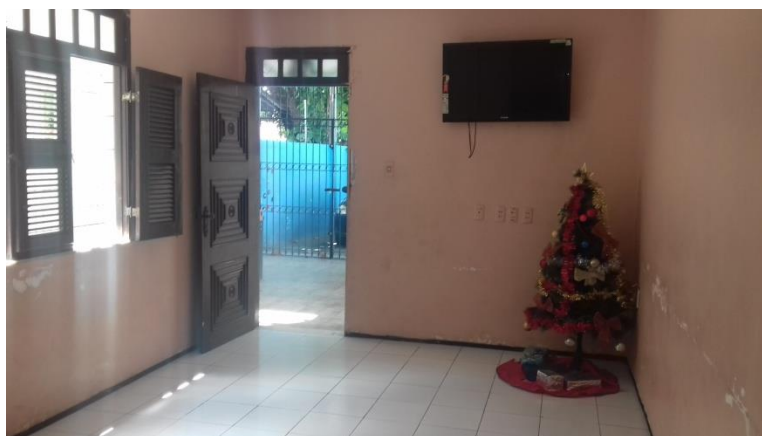


ÁREA DE LAZER



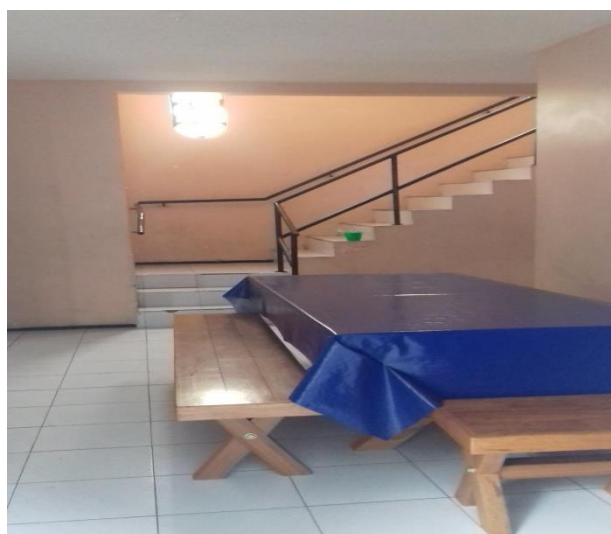


SALA





ÁREA DA REFEIÇÃO

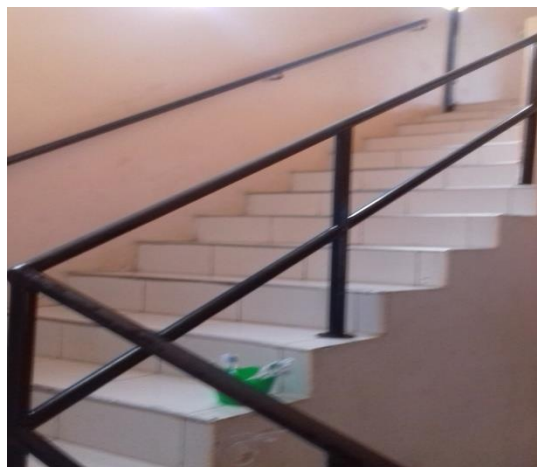


COZINHA



ACESSO AOS QUARTOS

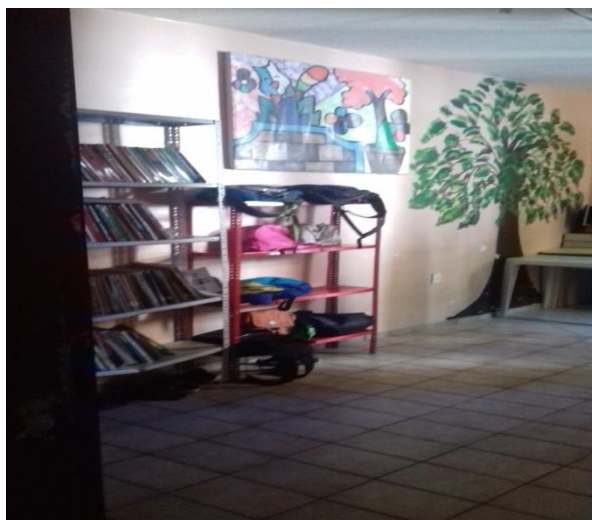
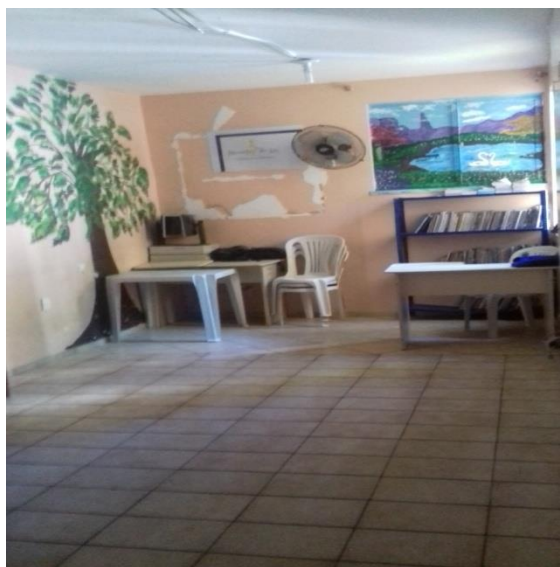




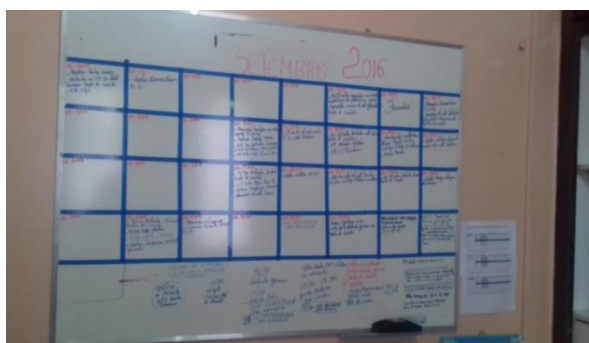
QUARTOS

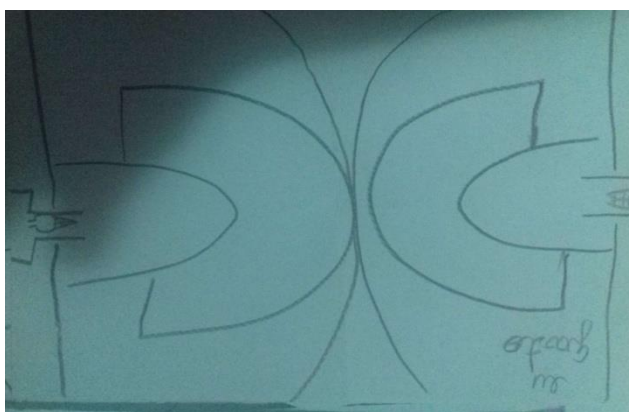
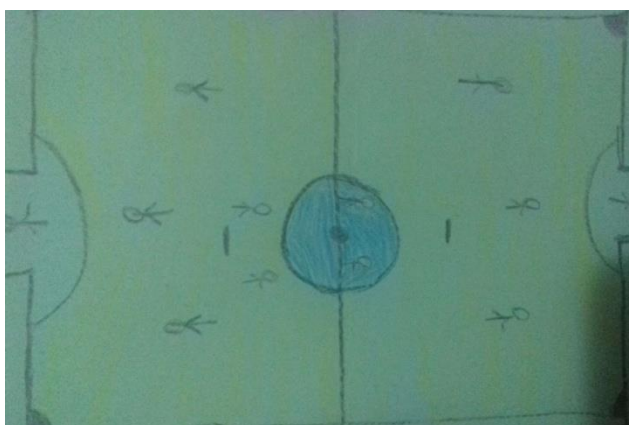


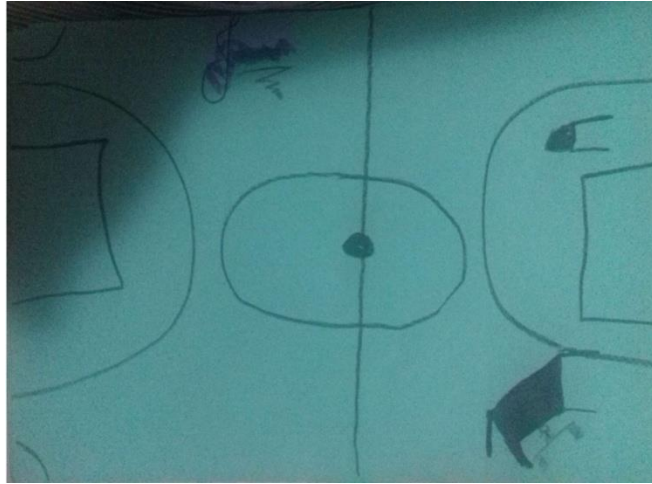
SALA DE ESTUDO



COORDENAÇÃO



Anexo H**Desenhos Feitos pelos Adolescente****-POEMA DOS DESEJOS-**



COMPUTADORES

